

ALAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSE RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA



CURA RADICAL DAS FRIEIRAS EM 5 DIAS



com **Terramicina**

Pfizer

Uma única aplicação local de 300 mg de Terramicina injetável PFIZER resolve em 5 a 8 dias os mais graves casos de frieiras.

- FÁCIL DE APLICAR
- APLICA-SE UMA ÚNICA VEZ
- DISPENSA CURATIVOS DIÁRIOS
- BAIXO CUSTO

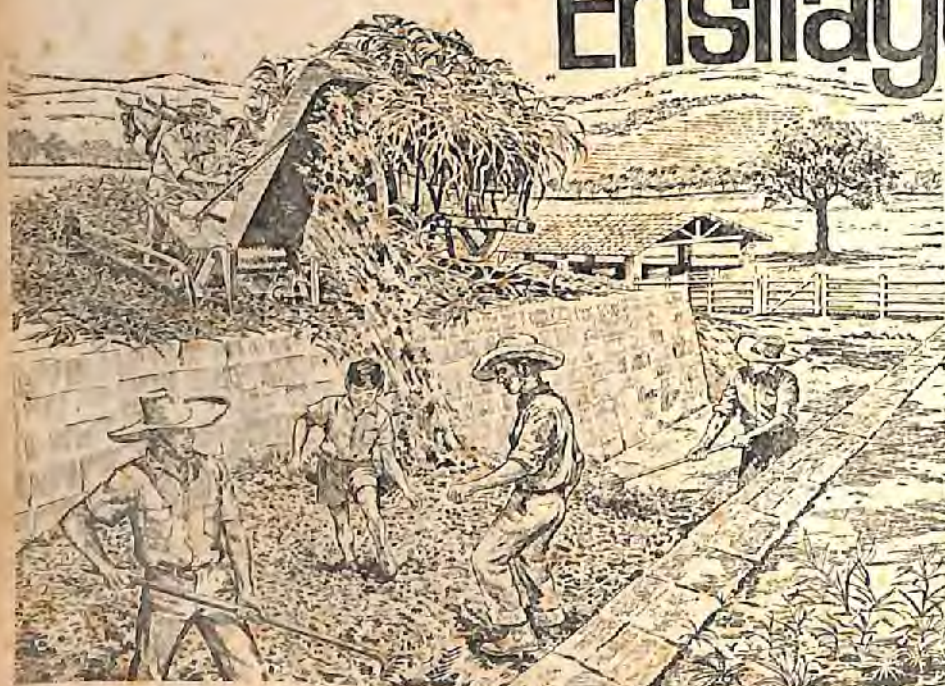
Pfizer

PFIZER CORPORATION DO BRASIL

Deplo. Agro-Pecuário

R. de Janeiro - Guanabara - R. Antunes Maciel, 115 - 115A - S. Cristóvão - C. P. 4409 - Fones. 28-7246 e 34-32

Ensilagem



Transformando milho, sorgo, sobras de pastos, capins Guatemala, Napier etc., em silagem, o gado leiteiro terá alimentação garantida para atravessar o período da seca.

UMA COLABORAÇÃO DE PRODUTOS

SETOR AGROPECUÁRIO

NESTLÉ

A LAVOURA

ÓRGÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS CLASSES RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

FUNDADA EM 1897

ANO LXV

MARÇO - ABRIL, 1962

Presidente da Sociedade
Eng. Agrônomo — LUIZ SIMÕES LOPES

Diretor Responsável e Redator-
Secretário
LUIZ MARQUES POLIANO

Diretor
Eng.º Agrônomo ANTONIO DE ARRUDA CÂMARA

Diretor Técnico
Eng.º Agrônomo KURT REPSOLD

Redator Técnico
Eng.º Agrônomo GERALDO GOU-
LART DA SILVEIRA

Chefe da Publicidade
CARLOS ALBERTO SOARES

Redação e Administração:

GENERAL JUSTO, 171
Telefone: 42-2981
Caixa Postal: 1245
RIO DE JANEIRO

Representante em S. Paulo:

NEWTON FEITOZA

RUA BOA VISTA, 245, 3.º andar
— Tel.: 33-1432 — End. Tel.:
"LINEFE." C. P. 7257
— SÃO PAULO —

Nem a redação da Revista nem a Sociedade Nacional de Agricultura são responsáveis pelos conceitos emitidos em artigos assinados

NOSSA
Capa

A Raça Guzerá vem, cada vez mais, merecendo a atenção dos criadores brasileiros, pois os concursos de ganho de peso a tem apontado como a vencedora. Na nossa capa o animal CAZULO, um dos reprodutores das estâncias Kankrej, de São Pedro dos Ferros, Minas Gerais.

SUMÁRIO

	Pág
O Padroeiro da Agricultura	3
Estímulo à iniciativa Privada em Matéria de Reflorestamento — Geraldo Goulart da Silveira	4
O Simbolo Heráldico da Agricultura Brasileira — Luiz Marques Poliano	5
O Contrôlo de Arbustos nas Pastagens do Brasil — Laurence Quinn	6
Adubadeiras devem ser bem reguladas — Altir A. M. Corrêa	8
Pesquisa Científica na Avicultura Aumenta a Produção de Ovos	10
Problemas do Leite e Garrafas Escuras — Kess Middelhoff	14
Na abertura de um Curso — Fábio Luz Filho	16
Novos Rumos para a Suinicultura Brasileira — Lincoln Gripp de Moraes	22
Preparo Profissional para a Reforma Agrária — Walter Saur	28
Fila Brasileiro, único cão de raça Nacional reconhecido pelo Ministério de Agricultura — Luiz Hermann Filho	33
Ampla Colaboração das Organizações Internacionais no desenvolvimento Agro-Pecuário do Brasil	36
Dissertação Sobre Problemas Cooperativos — Prof. Laszlo Valko	38
Os preços mínimos — Adamastor Lima	41
A Classe Rural — Temas e Sugestões — Arruda Câmara	44
Associativismo Rural	50
Socorristas, Arregimentação e Artesanatos Rurais — Manuel Diêgues Júnior	29

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 3.549, DE 18 DE OUTUBRO DE 1918

Presidente Perpétuo — Dr. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA
Presidente Benemérito — Dr. WENCESLAU BRAZ PEREIRA GOMES

DIRETORIA GERAL

Presidente — LUIZ SIMÕES LOPES
1.º Vice-Presidente — EDGARD TEIXEIRA LEITE
2.º Vice-Presidente — KURT REPSOLD
3.º Vice-Presidente — ANTONIO DE ARRUDA CAMARA
1.º Secretário — FREDERICO MURTINHO BRAGA
2.º Secretário — ADAMASTOR LIMA
3.º Secretário — JOSÉ ARISTOBULO DE CASTRO FILGUEIRAS
4.º Secretário — GERALDO GOULART DA SILVEIRA
1.º Tesoureiro — RAFAEL XAVIER
2.º Tesoureiro — OTTO FRENSEL
Secretário-Geral — LUIZ MARQUES POLIANO

DIRETORIA TÉCNICA

ALBERTO RAVACHE
ALTINO DE AZEVEDO SODRÉ
BEN-HUR FERREIRA RAPOSO
ENNIO LUIZ LEITÃO

FLAVIO DA COSTA BRITTO
OSMAR LOPES REZENDE
JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO
JULIO CESAR COVELLO
MARIO DE OLIVEIRA

CONSELHO SUPERIOR (SÓCIOS TITULARES).

CADEIRA

- 1 — ENNES DE SOUZA
- 2 — MOURA BRASIL
- 3 — CAMPOS DA PAZ
- 4 — BARÃO DE CAPANEMA
- 5 — ANTONIO FIALHO
- 6 — WENCESLAU BELLO
- 7 — SYLVIO RANGEL
- 8 — PACHECO LEÃO
- 9 — LAURO MULLER
- 10 — MIGUEL CALMON
- 11 — LYRA CASTRO
- 12 — AUGUSTO RAMOS
- 13 — SIMÕES LOPES
- 14 — EDUARDO COTRIM
- 15 — PEDRO OZÓRIO
- 16 — TRAJANO MEDEIROS
- 17 — PAULINO CAVALCANTI
- 18 — FERNANDO COSTA
- 19 — SÉRGIO DE CARVALHO
- 20 — GUSTAVO DUTRA
- 21 — JOSÉ TRINDADE
- 22 — IGNACIO TOSTA
- 23 — JOSÉ SATURNINO
- 24 — JOSÉ BONIFÁCIO
- 25 — LUIZ DE QUEIROZ
- 26 — CARLOS MOREIRA
- 27 — ALBERTO SAMPAIO
- 28 — NAVARRO DE ANDRADE
- 29 — ALBERTO TORRES
- 30 — SA FORTES
- 31 — THEODORO PECKOLT
- 32 — RICARDO DE CARVALHO
- 33 — BARBOSA RODRIGUES
- 34 — GONZAGA CAMPOS
- 35 — AMÉRICO BRAGA
- 36 — EPAMINONDAS DE SOUZA
- 37 — MELLO LEITÃO
- 38 — ARISTIDES CAIRE
- 39 — VITAL BRASIL
- 40 — GETÚLIO VARGAS

OCUPANTE

Vaga
Alberto Ravache
Geraldo Goulart da Silveira
Kurt Repsold
Luiz Marques Poliano
Antonio de Arruda Camara
Ennio Luiz Leitão
Frederico Murtinho Braga
Valentim F. Bouças
Heltor Grillo
Joaquim Bertino de M. Carvalho
Edgard Teixeira Leite
Luiz Simões Lopes
Jayme Bernardes Cotrim
Paulo Simões Lopes
Vaga
Luiz Guimarães Junior
Iris Meinberg
Julio Cesar Covello
Oswaldo Balarin
Ignácio Tosta Filho
José Augusto B. de Medeiros
Fábio Luz Filho
Mário Penteado de F. e Silva
Francisco de Assis Iglesias
Alfredo L. de Ferreira Chaves
Honório Monteiro Filho
José Carlos de Macedo Soares
Rômulo Cavina
Otto Frensel
Rômulo Joviano
Oswaldo Lazzarini Peckolt
José Sampaio Fernandes
Sylvio Fróes de Abreu
José Assis Ribeiro
Moacyr Alves de Souza
José Carlos Bello Lisboa
Milton Freitas de Souza
Vaga
Adamastor Lima

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA participa em caráter permanente do seguintes Órgãos:

Comissão Permanente de Exposições e Feiras (Ministério do Trabalho) — Dr. Alberto Ravache; Suplente, Luiz Marques Poliano; Conselho Consultivo do E. F. Central do Brasil — Dr. Altino de Azevedo Sodré; Comissão Permanente de Estradas de Rodagem — Dr. Raul David de Sansom; Instituto Brasileiro de Educação e Cultura (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Nacional de Aplicação dos Empréstimos Rurais — (Ministério da Fazenda) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Interamericano de Comércio e Produção — Dr. Edgard Teixeira Leite; Comissão Consultiva de Acordos Comerciais (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Alberto Ravache; Comissão de Política Agrária (Ministério da Agricultura) — Dr. Luiz Simões Lopes, Suplente, Alberto Ravache; Conselho do Mérito Agrícola — Luiz Simões Lopes, Suplente; Ben Hur Raposo; Conselho Regional do S.S.R. da Guanabara — Abel de Almeida; Conselho Superior de Recursos Fiscais do Estado da Guanabara — Juvenal da Silva Azevedo.



O Padroeiro da Agricultura

Segundo o "Dictionnaire d'Hagiographie" de Don Baudot, há pelos menos, nove Santos Izidros: o de Antióquia, do IV Século, bispo, morto pelos arianos; o de Hormópolis, Confessor de Nitrie, venerados ambos no dia 2 de janeiro; o do Egito, festejado a 15 desse mês e também do IV Século; o de Péluse, do V Século, com o seu dia de consagração a 4 de fevereiro, e imitador da vida de São João Batista; o de Chio, onde foi martirizado no ano de 250 e que alguns consideram aquele mesmo consagrado a 15 de maio, soldado egípcio decapitado como cristão; o de Sevilha, nascido em Cartágena, por volta de 570 e morto em 4 de abril — dia de sua consagração. Acha-se sepultado na Catedral de Sevilha, sábio da Igreja tendo produzido notáveis trabalhos sobre gramática, história, teologia e ascetismo; dois outros Izidros — Heron e Elias — São festejados a 14 de dezembro e 17 de abril, respectivamente.

Mas, o Santo Izidro que nos diz respeito particularmente é o cognominado "O Lavrador", com o seu dia de festa a 10 de maio. Nasceu em Madrid por volta de 1.110, sendo o padroeiro da capital espanhola.

Escreve o autor citado que Santo Izidro sempre se dedicou — filho de pais pobres — aos trabalhos do campo, aprofundando-se contudo no espírito dos anacoretas. No amanho da terra, voltava-se permanentemente para Deus, levantando-se muito cedo para que sua devoção não prejudicasse o trabalho de seus amos. Distribuía pelos pobres parte do que ganhava. Teve um filho, de sua esposa Maria Torribia, também tida como santa na Espanha. Santo Izidro previu o momento de sua morte, para ela se preparando com devotado fervor. Morreu a 15 de maio de 1.170, sendo beatificado em 1619 por Paulo V e canonizado em 1.622, por Gregório XV.

O culto a Santo Izidro de Madrid seria aconselhável entre os lavradores brasileiros católicos. Não tendo para quem apelar neste vale de lágrimas o nosso homem do campo, como último recurso, talvez encontrasse no seu santo padroeiro o defensor de suas aspirações e o protetor de seus direitos tão relegados pelos seus semelhantes desta terra.

Estímulo à Iniciativa Privada em Matéria de Reflorestamento

Geraldo Goutart da Silveira
Engenheiro Agrônomo

De longa data vem a Sociedade Nacional de Agricultura estudando com especial atenção o problema do reflorestamento no país e salientando o papel da iniciativa privada em assunto de tão alta relevância.

Recentemente, o Grupo de Trabalho instituído pelo Memorando G.P./M.A-42, de 5.4.61, integrada por técnicos de alto gabarito, apresentou ao Sr. Presidente da República um bom trabalho que constitui a Exposição de motivos D.O. de 14-11-61, do P.R. 26.986/61, n.º 28, de 24 de outubro de 1961.

No que tange a ação governamental como incentivadora da iniciativa privada em matéria de reflorestamento, são muito oportunas e objetivas as conclusões a que chegaram os técnicos que, com elevado discórdio, estudaram o assunto.

Para que os interessados delas tomem conhecimento e colaborem com o poder público para a solução do problema que cada vez mais grave e angustiante se torna para o país, transcrevemos adiante algumas das conclusões citadas no relatório do citado Grupo de Trabalho.

Com relação à concessão de prêmios em dinheiro o trabalho recomenda.

1 — A concessão de prêmios em dinheiro para os pequenos proprietários mais que contribui-

ram para o florestamento e reflorestamento do país;

2 — A concessão de prêmios em dinheiro para os que promoveram o maior e melhor reflorestamento, bem como às municipalidades pela criação de parque e arborização das cidades".

Dê fato, são de elevado alcance as medidas propostas.

Quant à concessão de prêmios em dinheiro aos pequenos proprietários rurais, o Grupo de Trabalho sugeriu:

1 — a concessão mediante contratos previamente assinados para os que proverem o reflorestamento de áreas não superiores a 10 hectares, ou base de:

a — até 100% ao custo do trabalho, em se tratando de florestas protetoras.

b — até 40%, em se tratando de floresta de rendimento.

2 — o pagamento, do prêmio estabelecido, dezoito meses após o plantio.

Com relação ao financiamento para florestamento e reflorestamento foi sugerido o financiamento pela rede bancária particular.

através de utilização de parte (30%) dos recursos a serem recolhidos a SUMOC, ex-vi da Instrução 135.

A porcentagem acima citada (30%) seria utilizado para o financiamento das operações de florestamento e reflorestamento a juros de 4%, dentro das normas usuais para os financiamentos desse tipo.

É muito interessante a medida proposta, pois uma considerável soma de recursos poderia ser utilizado no reflorestamento e no florestamento, a juros e prazos adequados, com mais benefícios para o país.

Lembra, ainda o referido trabalho, a necessidade imperiosa de alteração da lei do Imposto de Renda, com o poder de isentar o pagamento desse tributo.

"os rendimentos provenientes de exploração de florestas artificiais, quer sob a forma de dividendos, quer sob a forma de certificado de reflorestamento".

Entre outros aspectos que merecem ser considerados quando se estuda o assunto e o fato da lei de Imposto de Renda, conceder a redução de 50% para a indústria de celulose, e não cogitar de nenhuma medida com relação à matéria prima para essa indústria.

Uma novidade lembrada é a emissão de "títulos ou certificados de reflorestamento", isto é, títulos "com seus valores expressos em árvores e não em moeda".

Com tal objetivo o Grupo do Trabalho sugeriu:

"autorização por carta patente, às Companhias que se organizarem, para o fim precípuo do reflorestamento, a emissão de certificado ou títulos de reflorestamento para venda ao público de determinado número de árvores, títulos esses que seriam resgatados por ocasião do abate das árvores para industrialização.

Outra medida oportuna a aquela referente a alteração da Lei de Seguros, no sentido da:

"obrigatoriedade das Companhias de Seguros de empregarem uma pequena parte de suas reservas técnicas em reflorestamento, de forma direta ou pela aquisição

REMINISCÊNCIA...

O Símbolo Heráldico da Agricultura Brasileira

LUIZ MARQUES POLIANO

O Boletim Administrativo n.º 3, da Confederação Rural Brasileira, insere as bases de um concurso entre as servidoras da entidade para a eleição daquela que, por um ano, será a "Folhinha da Mandioca". Os votos custarão Cr\$ 5,00 cada e do total apurado em junho, uma lembrança será adquirida para a eleita, que a receberá no decorrer de um coquetel.

A iniciativa nos lembra como e porque, como Secretário da Comissão instituída pelo decreto-lei n.º 8.127, no ante-projeto de estatutos da entidade fundada em 1951, sugerimos — e foi adotada — a folha da mandioca utilíssima para simbolizar a agricultura brasileira.

Com efeito, a idéia nos veio por considerarmos a mandioca a mais brasileira de todas as nossas plantas cultivadas. Classificada por Lineu Peckholt, até a melhoraram.

Além de ser planta de notável valor econômico, como base da alimentação da grande maioria de nossa população, tem na história da civilização do Brasil papel de grande relevo. Segundo Hubert, citado por João Candido Ferreira Filho, "O Brasil é o país de origem da mandioca. Percorrendo as diversas regiões da América Central e do Sul, os viajantes portugueses do XV Século descobriram esta planta alimentar cultivada pelos indígenas; eles tiveram então a idéia de espalhá-la por toda a parte; é por isso que se encontram hoje indícios de cultura antiga da mandioca em todos os países onde passaram outrora estes notáveis navegadores".

A África, sobretudo, mereceu dos nossos descobridores especial atenção como campo propício à cultura da valiosa euforbiacea. Para lá a levaram e cultivaram, habituando o nativo africano à alimentação que mais tarde viria a encontrar no Brasil.

Lendas indígenas atribuem origem divina à mandioca, sendo a de Mani a mais divulgada. Segundo o autor citado, um chefe indígena, cuja filha apareceu com os sintomas de maternidade próxima, sob o peso da vergonha que tal fato lhe causara, tudo fez para identificar o autor, submetendo a filha a duros e contínuos castigos. Protestando incôncencia, assim se manteve a princesa até que em sonho um homem branco assegurou ao cacique a pureza da filha injustiçada. Algum tempo depois, sem embargo, deu ela à luz uma menina branca, extraordinariamente bela, logo cognominada Mani e em quem todos viam a futura rainha da tribo.

Um ano após, entretanto, morreu a criança e na sua sepultura surgiu uma planta totalmente desconhecida. Em seguida, em torno do vegetal o solo entumescceu e rachou e, cavando-o, encontraram os indígenas os tubérculos a que deram o nome de manioc.

Adotada a idéia pela assembléia que fundou a C.R.B. com a aprovação do art. 42 dos Estatutos, mais tarde, idealizamos a extensão desse símbolo a todo o sistema associativista rural, o que foi aprovado pela resolução da Diretoria n.º 9, de 30 de maio de 1955. Por esse esquema, a folha da mandioca, na sua cor, sobre campo de ouro, com bordadura de blau, representa a C.R.B.; a mesma folha, em campo cortado de prata e ouro, com bordadura de sinopla, as Federações; em campo esquadrelado dos mesmos metais e com a mesma bordadura, as associações regionais; em campo partido, ainda dos mesmos metais e bordadura, as associações especializadas; finalmente, em campo de prata, com bordadura de goles, as associações, rurais.

Ficou assim, a planta indígena representando heráldicamente não só a C.R.B., mas todo o associativismo rural que hoje se estende pelo Brasil, dentro das normas do decreto-lei n.º 8.127, de 24 de outubro de 1945.

O CONTRÔLE DE ARBUSTOS NAS PASTAGENS DO BRASIL

Laurence Quinn



Grama híbrida denominada Suwannee Bermuda (*Cynodon dactylon*), que parece ter grande futuro em solo de campo cerrado fertilizado, conforme gravura

O controle de plantas silvestres faz parte do complicado problema de melhoramento das extensas pastagens, da América do Sul. Avalia-se que existem aproximadamente 1.500.000 quilômetros quadrados de pastagens, somente na região Centro-Oeste do Brasil, onde trabalhou o autor deste estudo. Esta zona abrange, ao todo, cerca de 2.100.000 quilômetros quadrados e compreende áreas dos Estados de São Paulo, Mato Grosso, Goiás, e Minas Gerais. Existem dois tipos de pastagens, conhecidos na região como "campo limpo" e "campo cerrado". A zona Centro-Oeste do Brasil contém, na maior parte, pastagens de arbusto do tipo campo cerrado. Os arbustos inconvenientes que

crescem no "cerrado" compreendem muitas vezes centenas de espécies, sub-espécies e variedades de plantas e arbustos, dos quais foram identificados pelo IBEC Research Institute 160 espécies e variedades.

Existem muitos métodos de controle em prática no Brasil. Incluem o corte manual, a arrancação, o fogo e o emprêgo de equipamento mecânico especializado que consiste em "bulldozers" e ancinhos, arrancadores de raízes, discos de serviço pesado, correntões, rolos com facas roçadeiras rotativas reforçadas e outros implementos. Além disto, está se generalizando o uso de herbicidas tais como o 2,4-D e 2,4,5-T para aplicações no

tronco ou nas folhas, por pulverização com aparelhos sobre rodas.

Os técnicos do IRI dedicam atualmente grande atenção, em seus trabalhos relativos às terras de pastagens, aos estudos sobre fertilidade, seleção e prova das variedades de gramíneas e de leguminosas que produzem alta qualidade de forragem, especialmente durante o período seco de inverno. As leguminosas que apresentam melhores possibilidades são a soja perene (*Glycine javanica*), *Teramnus uncinatus*, *Centrosema pubescens*, *Kudzu Tropical* (*Pueraria phaseoloides*) *Dolichos lablab*, *Calopogon mucunoides* e *Etylosanthes gracilis*. Estas leguminosas são perenes e têm sido observado que produzem muito bem em solos de pouca fertilidade. Notou-se também que elas se desenvolvem bem em associação com leguminosas tais como a Coastal e a Suwannee, híbridos de Bermuda (*Cynodon dactylon*), *Pangola* (*Digitaria decumbens*) e alguns dos híbridos de *Pennisetum Bahia* (var. *Paspalum notatum*).

Pastagens de Coastal Bermuda e Pangola que foram fertilizadas com nitrogênio e fósforo têm sido formadas, em campos cerrados, em dois a três meses, enquanto que são necessários dois ou mais anos para se formar capim Colômbio ou Jaraguá em solos relativamente ricos, sem fertilização. Melhores informações são encontradas na Nota Técnica n.º 6, de distribuição gratuita pelo IRI, IBEC Research Institute.

(IBEC Research Institute)

"A LAVOURA"

65 ANOS

DE

CIRCULAÇÃO

ESTANCIAS DUVIVIER S. A.

"FAZENDA PIABANHA"
ESTAÇÃO DE HERMOGENIO SILVA
TEL. 2 — E. F. LEOPOLDINA
ESTADO DO RIO

"FAZENDA SÃO GONÇALO"
ESTAÇÃO DE ANDRADA E SILVA
TEL. 4 — E. F. SOROCABANA
ESTADO DE SÃO PAULO

"FAZENDA ÁGUA CLARA"
BARRETOS — C. P.
ESTADO DE SÃO PAULO

ESCRITÓRIO CENTRAL: AV. GRAÇA ARANHA, 57 - 5.º ANDAR — TEL. 42-0463 — RIO



EMIR STA. AMINTA, R.G. 851
criação de Theodoro Eduardo Duvivier, de quem o adquirimos, é a maior expressão de Raça e Pêso. Antes de o havermos comprado já o tínhamos usado por 3 anos consecutivos em nossos rebanhos, onde deixou uma prole fantástica.

Mantemos em nossas fazendas
cêrca de 10.000 cabeças
de gado das raças

NELORE • GIR • GUZERÁ

além de grandes rebanhos de
PUROS DE ORIGEM das raças
HOLANDÊSA e JERSEY.

*Nos nossos planteis
de gado Zebú,
o lema é*

**SAÚDE
RAÇA
CONFORMAÇÃO e
GANHO DE PÊSO**

Há 15 anos trabalhamos com touros Nelore das melhores correntes de sangue do famoso
REBANHO CAMPEÃO de Theodoro Eduardo Duvivier

Adubadeiras devem ser bem reguladas

Altir A. M. Corrêa
Eng. Agrôn.

A utilização de fertilizantes, para uma melhor produção agropastoril, tornou-se, atualmente, uma prática rotineira. Os agricultores esclarecidos sabem perfeitamente que o índice produtivo do terreno deve ser mantido, repondo-se na terra os elementos nutritivos extraídos pelas culturas anteriores ou quando os solos são deficientes. Para a defesa da fertilidade do solo é indispensável a proteção do terreno contra os agentes que provocam erosão.

Podemos dividir os adubos empregados na agricultura, segundo a origem, em orgânicos e minerais. Para a aplicação de cada tipo desses adubos há um modelo de máquina adequado.

Antigamente, os agricultores distribuíam os adubos com ferramentas manuais; hoje, existem máquinas agrícolas próprias, que executam esses serviços. Os implementos agrícolas usados para distribuição desses elementos na terra são agrupados em função da natureza das substâncias, que podem ser líquidas, sólidas pulverulentas, (inorgânicas ou corretivas) e sólidas heterogêneas (orgânicas). Para os adubos químicos ou corretivos há dois tipos principais de máquinas: a) para cobertura total ou faixa, e b) para linha. Existem modelos de adubadeiras para tração animal e para uso com trator.

REGULAGEM DAS ADUBADEIRAS

Generalidades — Entende-se por regulagem das adu-

badeiras a sua adaptação para deixar cair uma quantidade certa de fertilizante no solo, por unidade de área. Para as culturas de campo as recomendações são feitas em quilos ou toneladas (1.000 quilos) por hectare (10.000 metros quadrados). Em algumas regiões são usadas outras unidades agrárias de superfície. Os técnicos, com o intuito de facilitar a adoção da recomendação pelo agricultor, empregam essas medidas. A título de esclarecimento, podemos citar que o alqueire paulista vale 24.200 metros quadrados (2,42 ha), e o alqueire mineiro ou geométrico 48.400 metros quadrados (4,84 ha).

Para as adubadeiras acopladas às semeadeiras em linha, a regulagem do espaçamento entre as linhas deve ser de acordo com a cultura.

Os métodos utilizados para a regulagem das adubadeiras em linhas e de cobertura são os mesmos. São, nas primeiras, quando tracionadas, mede-se o raio ou circunferência da roda da adubadeira, e quando montadas em tratores mede-se o raio ou circunferência das rodas traseiras deste. Para as adubadeiras de cobertura, em geral, tracionadas, a medida que se deve executar é a da circunferência da roda da máquina.

A circunferência da roda do trator ou da máquina pode ser medida diretamente (o contorno), com uma fita métrica (em centímetros)

ou o raio (distância do centro à extremidade da roda); neste caso a circunferência é igual ao dobro do raio (diâmetro) pelo valor de uma constante igual a 3,14. Assim, por exemplo, se uma roda tiver o raio de 0,60, a circunferência será de: $0,60 \times 2 \times 3,14 = 3,770$ m. Se medirmos diretamente a circunferência acharemos, aproximadamente, esse comprimento.

MÉTODO NO GALPAO

- 1) — Suspendermos as rodas da semeadeira ou do trator com o auxílio de um macaco, e colocamo-las sobre calços.
- 2) — Conforme o tipo de semeadeira, medimos diretamente a circunferência externa ou o raio da roda da semeadeira ou as traseiras do trator.
- 3) — Medimos a largura da adubadeira, se for do tipo cobertura, ou a distância entre as linhas, se for máquina com a finalidade de distribuição de fertilizantes em sulcos.

Observações — em cada volta da roda da adubadeira (em cobertura) ou do trator (em linha) é adubada uma superfície igual ao comprimento da circunferência da roda vezes a largura do trabalho da máquina.

Exemplo — se for uma adubadeira de cobertura com 2,40 m de largura e a circunferência for de 3,77 m, em cada revolução da roda da máquina será adubada uma área de: $3,77 \times 2,40 = 9$ metros quadrados.

- 4) — Colocamos o regulador de saída em determinado ajuste ou graduação, em geral, na posição média.
- 5) — Em baixo da máquina colocamos uma lona ou

papel para recolher o adubo caído.

- 6) — Giramos a roda da adubadeira ou do trator, um determinado número de vezes, 10, por exemplo. Para isto torna-se necessário marcar com o giz ou lápis um traço de referência.
- 7) — Recolher o adubo caído durante as rotações da roda e pesá-lo.
- 8) — Multiplicar o número de voltas efetuadas por área adubada em cada revolução da roda da máquina ou do trator. Exemplo — 10 voltas; área coberta em cada revolução 9m²; área adubada nas 10 voltas, $10 \times 9 = 90 \text{ m}^2$.
- 9) — Nesta área caiu o adubo pesado. Exemplo — 18 kg. Logo, em um (1) hectare (10.000 m²) cairá de que desejamos saber, terminada quantidade. No exemplo que estamos adotando será: $(18 \times 10.000) \div 90 = 2.000$. Então, em um hectare cairão .. 2.000 quilos de adubo. Se desejarmos maior quantidade naquela superfície efetuaremos a abertura do controle de saída e se menor porção, reduziremos a saída do adubo.

Tornamos a efetuar nova pesagem com determinado número de revoluções da roda e verificamos se está correta a regulagem.

Há vários outros métodos de realizar os cálculos da regulagem da adubadeira, variáveis conforme o critério de cada autor. Todavia, basta ao operador conhecer um modo, a fim de utilizá-lo, quando necessário, com a devida certeza.

Para as sementeiras podemos adotar o mesmo método para regulagem da quantidade de sementes distribuídas.

CONSERVAÇÃO DAS ADUBADEIRAS

Um bom operador de máquinas agrícolas mantém o trator e os respectivos implementos em boa forma, limpando-os reparando-os quando necessário e executando periodicamente a lubrificação das partes sujeitas a movimentos e atritos, para que possam operar continuamente com segurança. As adubadeiras, depois de usadas, devem ser bem limpas, com água, se possível sob pressão, a fim de eliminar qualquer resto de adubo orgânico ou inorgânico, pois estes são cor-

22022

rosivos para o metal e a madeira. As partes metálicas devem ser devidamente protegidas com uma camada de óleo e as de madeira pintada, assim que terminar um período de trabalho para que possa ser utilizada quando dela houver necessidade novamente.

Um bom operador de maquinaria agrícola sabe que poderá empregar, em qualquer ocasião, a sua máquina guardada, porque ele toma todas as providências para que as mesmas sejam devidamente limpas, reparadas e protegidas quando termina o período de trabalho.

adubo é "Riqueza" para sua lavoura

GANHE MAIS ADUBANDO MELHOR

O solo esgota-se gradativamente com as sucessivas colheitas. Adubações periódicas e bem dosadas revitalizam e enriquecem sua lavoura. Adube melhor e ganhe mais, utilizando os fertilizantes "RIQUEZA" — fórmulas completas para qualquer tipo de cultura ou em elementos simples para suprir as necessidades do solo e das diversas culturas. Consulte nosso especializado corpo de técnicos para solução de qualquer dos problemas de sua lavoura.

FÓRMULAS COMPLETAS "RIQUEZA"

Passamos fórmulas completas que atendem plenamente às necessidades do solo e das diversas culturas para uma excelente produção.

ELEMENTOS SIMPLES:

Saliere do Chile • Sulfato de amônio • Uréia • Superfosfato simples • Superfosfato triplo • Fosfato de Olinde • Cloreto de Potássio • Sulfato de Potássio.



CIA. INDUSTRIAL MERCANTIL E ADMINISTRATIVA Divisão de Fertilizantes

Matriz: Rio de Janeiro - Av. Rio Branco, 103 - 7.º - Tels. 43-2540 e 43-0670, r. 15
- C. Postal 575 - End. Tel. "SALCIMA"
Filial: São Paulo - Rua XV de Novembro, 200 - 10.º andar - Tel. 37-4229 -
C. Postal 4677 - End. Tel. "SALCIMA"



AVICULTURA

PESQUISA CIENTÍFICA NA AVICULTURA AUMENTA A PRODUÇÃO DE OVOS

De acôrdo com dados revelados pelo Centro de Pesquisas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, em Beltsville, no Estado de Maryland, as galinhas de hoje põem quantidade muito maior de ovos do que as de antigamente, graças a sistemas aperfeiçoados de criação, tornados possíveis graças a pesquisas e testes realizados com re-

curso federais, estaduais, e privados.

Há 30 anos, cada galinha punha em média 121 ovos por ano nos Estados Unidos; hoje, a média é de 206 ovos por unidade. Os galináceos de raça mais pura apresentam média ainda melhor, pondo 250 ovos por ano. Em consequência dessa melhoria, um número 13% menor de galinhas existentes



Medicação preventiva e curativa das pipocas (ou carocós) dos pintos e aves adultas

A venda à

RUA DO MATOSO, 33 - RIO
Para o interior enviamos
pelo reembolso postal





COCCIDIOSE se cura com água...



NFZ[®] SOLÚVEL

(marca registrada)

As aves doentes deixam de comer, mas bebem muita água. Com NFZ[®] SOLÚVEL na água V. acaba com a Coccidiose num máximo de 7 dias. NFZ[®] SOLÚVEL favorece o desenvolvimento das aves, ajudando-as a criar imunidades próprias. Proteja hoje mesmo seu plantel com NFZ[®] SOLÚVEL e ganhe a luta contra a Coccidiose. É muito econômico e rende mais. Pode ser usado para as pintas, poedeiras e frangos de corte. Não é tóxico. Não é tulla.

GRÁTIS Solicite folheto técnico

nome.....

endereço.....

cidade..... estado.....

Envelopes de 7 grama
Vidros de 175 gramas
Latas de 500 gramas
Barricas de 10 quilos

Fabricado pelos



LABORATÓRIOS DO BRASIL LTDA.

Rua Figueira de Melo, 406

Rio de Janeiro - G.B.

Distribuidores exclusivos

COMPANHIA INDUSTRIAL FARMACÉUTICA
Caixa Postal, 3796 - Rio de Janeiro - G.B.

NFZ 3/61-007 WINDSOR

nas fazendas norte-americanas produziu no ano passado 60% mais ovos do que em 1930, significando economia de mão-de-obra, rações e equipamento, e um lucro líquido mais acentuado em face do aumento da procura.

O aperfeiçoamento de sistemas mais eficazes de criação de galinhas vem sendo o objetivo principal das pesquisas do setor especializado de Agricultura norte-americana desde o ano de 1931, quando o geneticista C. W. Knox assumiu o cargo de chefe das investigações sobre avicultura no Centro de Beltsville. Knox realizara alguns anos antes os primeiros cruzamentos bem sucedidos de galináceos, aplicando os princípios de hibridismo tão vitoriosos com o milho.

Knox e seus auxiliares fizeram intensivas experiên-

cias com galinhas Leghorn brancas e Rhode Island vermelhas para determinar o melhor sistema de criação visando ao aumento da produção de ovos, peso das galinhas e dos ovos, viabilidade e outras características econômicas. Antes disso, em Beltsville, as pesquisas se relacionavam mais com a cor da plumagem e da pele, tipo da crista e tamanho do corpo.

Um exame completo dos resultados das experiências realizadas de 1946 a 1956 convenceram Knox que os cruzamentos mais consanguíneos (progenie de galos consanguíneos Leghorn brancos com galinhas consanguíneas Rhode Island vermelhas) eram os melhores, produzindo 260 ovos por ano durante esse período de 10 anos. Seguiram-se os produtos híbridos de galos Leghorn brancos e galinhas

Rhode Island vermelhas, com média de 247 ovos por ano.

Os dados coligidos mostraram que os maiores ganhos ocorreram quando se utilizaram galos Leghorn brancos no cruzamento. Nas primeiras investigações, os pesquisadores usaram somente galos Rhode Island vermelhos, acreditando que nada se obteria com cruzamentos recíprocos. Contudo, em 1946, Knox decidiu testar essa teoria graças a descoberta de que a progenie de galos Leghorn brancos e galinhas Rhode Island brancas, comprovando experimentalmente sua opinião.

Knox afirma que o cruzamento consanguíneo é muito mais complexo que o simples cruzamento de híbridos, já que devem ser desenvolvidas duas linhas separadas de consanguíneas e

Kó-Kó-Ró-Kó

CORIZA

GOSMA

E

GOGO

MODO DE USAR

Aves adultas: de 2 a 3 colheres de sopa no bebedouro como preventivo — Para aves pequenas a metade da dose. — Nos casos mais graves aplique diretamente no bico uma colher de café, de Kó-Kó-Ró-Kó — Registrado no DDSA 6929/58.

PAULO STEFANINI

Indústria de Produtos Agro-Pecuários

RUA DO MATOSO, 246-A — TELEFONE: 34-7367

RIO DE JANEIRO — ESTADO DA GUANABARA



avevita

Rações
balanceadas
e prensadas!



A MELHOR PARA A AVICULTURA

Moinho Fluminense S.A.
Fundada em 1889

RIO, RUA URUGUAIANA, 118 - LOJA - C. P. 1350 - TEL. 43-3905
S. PAULO, RUA BOA VISTA, 314 - 4.º - C. P. 600 - TEL. 33-3164
S. HORIZONTE, AV. DOS ANDRADAS, 841 - C. P. 143 - TEL. 9-9877
CAMBINGA, REP. MERCANTIL, TREMARGO - R. DUQUE DE CAXIAS, 181
e na sua cidade, procure o nosso representante

Div. Lder 9/57

depois cruzadas para manter raças de ascendência consanguínea. Em seguida, os galos de uma linha são cruzados com galinhas da outra para produzir pintos consanguíneos, que são criados como aves produtoras de ovos.

Comercialmente falando os criadores costumam vender os produtos de ascendência consanguínea para chocadeiras especiais, que produzem pintos consanguíneos para venda a produtores de ovos. Somente um número pouco numeroso de criadores nos Estados Unidos está realizando cruzamentos consanguíneos, representando contudo uma porcentagem substancial das galinhas usadas para produzir ovos de mercado.

A maioria dos galináceos que produzem ovos para venda comercial atualmente nos Estados Unidos inclui alguns tipos de cruzamento de híbridos, afirmando Knox que os criadores estão cada vez mais se convencendo da necessidade de possuírem aves capazes de oferecer maior produção, adquirindo-as em tendência continuar, a números mais elevados. Se a dita-se que em 1970 a média das galinhas produzirá mais de 250 ovos por ano, o que só é conseguido atualmente pelas aves de melhor estirpe.

Conclusão da pág. 4

de certificados de reflorestamento.

Muitas outras medidas são recomendadas tôdas elas de grande interesse em um país como o nosso que precisa e deve encarar o problema florestal com seriedade que ele bem merece.

Não deve caber ao Governo, ele próprio, florestar e reflorestar o país na proporção desejável.

Deve ele, é tão bem lembrou o Grupo do Trabalho que estudou o assunto, tomar medidas de incentivo à iniciativa privada, que, bem estimuladora, poderá, em pouco tempo, promover o florestamento em larga escala.

CURSOS GRATUITOS DE AGRICULTURA

Acham-se abertas na Escola de Horticultura "Wenceslao Bello" Rua Comandante Vergueiro da Cruz 480, Penha (ponto final do ônibus 113 e do lotação Saens Peña — IAPI Penha), as matrículas para os seguintes Cursos Práticos Agrícolas: Cultura de hortaliças Folíáceas, Floricultura, Contabilidade Agrícola, Cooperativismo Rural, Exortia Avicultura, Conservação do solo, Inseticidas e Fungicidas, Administração de Propriedades Rurais, Combate a Doenças e Pragas de Hortas e Pomares, Solos e Adubação, Apicultura, Cálculos e Medidas Agrárias e Cultura de Citrus. Os Cursos, inteiramente gratuitos, serão ministrados na sede da Escola mantida pela Sociedade Nacional de Agricultura e terão a colaboração do S.S.R. (Conselho Regional da Guanabara), CBAR (Ministério da Agricultura) e ETA (Escritório Técnico de Agricultura Brasil E. Unidos). As aulas serão ministradas aos sábados das 14,00 às 18,00 horas aos domingos das 8,00 às 12,00 horas e terão início no dia 7 de Abril de 1962. Os referidos Cursos são acessíveis a todos, independentemente de idade, sexo, nível cultural, profissão, etc.

Senhor Avicultor:

Somente a vacinação preventiva pode evitar que a Doença de New Castle acabe com as suas aves.

Vacine já

VACINA NEWCASTLE RHODIA

- 1.º Máxima facilidade na vacinação: emprega-se simplesmente, na água de beber. Pode ser utilizada, também, em injeções intramusculares.
- 2.º Liofilizada (seca).
- 3.º De eficiência comprovada (testada rigorosamente antes de ser posta à venda).
- 4.º Não contamina.

... e lembre-se:

Qualidade também é Economia!

Peça folhetos e informações à

Cia. Química Rhodia Brasileira

Agência do Rio de Janeiro
AV. PRESIDENTE VARGAS, 309-5.º ANDAR
TEL. 52-9955 — CAIXA POSTAL 904
RIO DE JANEIRO



A marca de confiança

TAMBÉM A SERVIÇO DA PECUARIA

CARNE DE AVES: ALIMENTO SUPERIOR

O conceito moderno da ciência da nutrição não mais julga o valor do alimento simplesmente pelo seu teor em proteínas, e sim pela qualidade dos ácidos-aminados de sua estrutura molecular. Como se sabe, a proteína é um complexo que reúne outras substâncias (os ácidos-aminados). São estas substâncias, portanto, que determinam, pela sua presença ou ausência, a boa ou má qualidade das proteínas. Ao todo, contam-se 2 ácidos-aminados, sendo que 19 deles são considerados essenciais (artidina, histidina, isoleucina, lisina, metionina, fenilalanina, treonina, triptofano e valina). Os outros também têm valor e são importantes. A carne de aves contém um considerável número de aminoácidos na sua proteína e em quantidades satisfatórias: glicocola — 0,7%; alanina — 2,3%; leucina — 11,2%; fenilalanina — 3,6%; prolina — 4,8%; tirosina — 2,2%; ácido aspártico — 3,2%; ácido glutâmico — 16,5%; arginina — 6,5%; hispidina — 6,5% e lisina — 7,3% (proteína da carne de frango). Dêstês, são do grupo dos essenciais a leucina, a fenilalanina, arginina, histidina e a lisina.

Pela composição de sua molécula proteica, evidencia-se que a carne de aves é um alimento superior, capaz de satisfazer as exigências nutritivas dos consumidores devendo, assim, merecer sua preferência.

PROBLEMAS DO LEITE E GARRAFAS ESCURAS

por Kees Middelhoff

Este artigo não é mais tão poético quanto costumava ser! Hoje não encontramos a moça fazendeira sorridente, de faces coradas com o seu característico chapéu de bicos holandeses e canga de madeira aos ombros, carregando dois baldes cheios de leite, morno e espumante. Ela costumava viver toda a sua existência sobre tamancos de madeira, orgulhosa de sua carga, a qual era levada diretamente da vaca ao consumidor. Na realidade, nunca se preocupou com tais problemas, como o que acontecia ao leite que ela levava nos baldes abertos de madeira.

Naturalmente, muita coisa mudou desde aquela época! Hoje em dia, o leite vai primeiro para a fábrica, depois para o leiteiro, que por sua vez o distribui aos freguêses. Mas este processo pode levar horas.

Recentemente os cientistas descobriram que logo que o leite é exposto à luz solar, acontece algo que não é muito recomendável à condição do leite em si. A luz tem um efeito pouco favorável no gosto e nas vitaminas. Daí decorre a figura biazarra dos leiteiros holandeses distribuindo o leite nas casas com um carro coberto por um toldo branco. Os que não possuem este toldo branco, com todo o cuidado, cobrem as garrafas e jarras com um grande cobertor de lã. Tudo isto é feito para evitar que os raios solares alcancem o precioso leite.

No entanto, uma fábrica de leite no sul dos Países Baixos inventou um dispositivo para substituir toldos e cobertores. Os técnicos criaram uma garrafa que filtra a influência desfavorável dos raios solares: muito simplesmente uma garrafa escura. Talvez os leitores tenham ouvido falar na proverbial

limpeza holandesa, podendo portanto, imaginar o que significa não poder enxergar através do vidro e ver o que há dentro da garrafa. Além do mais, o vidro escuro dá a impressão de que a garrafa contém pudim de chocolate. Mas se o leite ao sair de um recipiente não transparente parece ter melhor gosto e ser mais sadio, penso que as donas de casa se acostumarão aos invólucros escuros. Para o industrial a nova garrafa ainda apresenta um problema, pois quando as garrafas retornam à fábrica é um tanto difícil saber se elas estão completamente limpas por dentro. Novamente os técnicos encontraram uma solução satisfatória, pois coloriram o vidro de tal maneira que com uma certa luz incidindo nas garrafas, elas se apresentam totalmente descoloridas e absolutamente transparentes. As fábricas foram, portanto, equipadas com esta luz especial.

Mas quais são as reações dos leitores holandeses a tais inovações? "Bem", disse o homem que entrega as garrafas em nossa casa, "se é o caso de afastar a luz, eu preferia os recipientes de papelão. Mas isto é muito dispendioso no momento!" Olhei bem para a cara infeliz do homem na qual se podia ver a amolação que estava tendo com o transporte daquelas centenas de garrafas pesadas, diariamente. Talvez possam imaginar o peso que ele tem que transportar, calculando em 2.000 libras por dia, o que implica no transporte de 1.500 libras de garrafas, sendo essas 1.500 libras transportadas para a loja outra vez, pois ele sempre repõe a garrafa vazia no lugar de uma cheia. Se ele levasse o leite em recipientes de papelão só teria 40 libras extra de peso, sómen-

te ao distribuir, pois os consumidores jogam fora o recipiente de papelão. Mas aqui é que o holandês engraçado entra em cena. Somos tão econômicos que achamos uma pena ter que jogar fora um bonito invólucro de papelão, portanto preferimos as pesadas garrafas de vidro.

Podem portanto imaginar o que significa isto para o pobre leiteiro que faz a distribuição: Neste país onde o "freguês é rei" e as casas de após guerra foram construídas verticalmente em vez de horizontalmente, o leiteiro precisa subir e descer muitas escadas nesses edifícios. Muitos cardiologistas têm procurado calcular o tempo que resistirá um leiteiro. Alguns têm servido de cobaia, saindo diariamente para suas obrigações com aparelhos complicados, à semelhança de estetoscópios, pendurados sobre o peito, para registrar a resistência dos seus corações.

Numa grande cidade holandesa um leiteiro tem que andar muito na sua ronda e o esforço equivale a uma carga de 60 libras, subindo e descendo todas as escadas do Empire State Building ou da Torre Eiffel em Paris, mais a metade desta distância.

Durante vários anos a indústria leiteira holandesa tem promovido o consumo de leite com uma campanha nacional chamada "Met melk meer mans", traduzida literalmente por "Seja mais forte tomando leite", mas duvido que o leiteiro possa concordar com este "slogan", apesar do leite conter muitas vitaminas. De qualquer maneira é para preservar estas vitaminas que agora utilizamos as garrafas escuras. Se depois de 1.º de janeiro de 1961 um leiteiro for apanhado distribuindo leite de jarras ou vasilhas, as quais não foram cobertas por papelão ou cobertores, na certa receberá um bilhete do policial da esquina. De qualquer maneira nós realmente zelamos pelo leite na Holanda.

GUZERÁ...

MELHOR NÃO HÁ !



Tourinho aos 2 anos

Se seu problema for:

- Maior velocidade no ganho de peso;
- Mais leite com menos ração;
- Rusticidade insuperável.

**Nós temos a
solução que o
senhor procura !**

ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE GUZERÁ DO BRASIL

Av. Churchill, 94 — S.1.110 — Fone: 52.5529

Na abertura de um Curso

Fábio Luz Filho
Presidente do CNEC

Damos início hoje ao Curso para gerentes de cooperativas de café, em função de um convênio entre o Centro Nacional de Estudos Cooperativos e o Grupo Executivo da Racionalização da Cafeicultura. Será um Curso, como vereis, cujas matérias foram reduzidas ao mínimo possível, para melhor aproveitamento dos que compareçam no campo prático da gestão de cooperativas agrícolas, matérias que serão dadas intensivamente, de maneira acessível a todos.

A iniciativa do Grupo Executivo da Racionalização da Cafeicultura plenamente se justifica e só merece louvores como afirmação de uma orientação sã, tão conhecidas são as dificuldades que muitas vezes na prática surgem, oriundas de causas várias, entre elas a ausência ou falta de aperfeiçoamento de conhecimentos básicos de ordem doutrinária, de gestão e de comercialização e tantos outros, e o adiantamento de noções atuais essenciais quanto à legislação cooperativa, quanto à metodologia do sistema cooperativo, às normas atualizadas de administração contábil, às diretrizes de uma comercialização adequada, ao domínio da ciência agronômica em seus aspectos modernos. Para as de café também a política nacional e internacional traçada pelo Governo para essa vital mestrada de nossa exportação. Estes temas são imprescindíveis aos que dirigem cooperativas agrícolas no Brasil, e assumem particular ênfase quando se trata de cooperativas de cafeicultores, pois, com a liberdade de exportar que

já possuem com uma de suas maiores conquistas, assumiram enorme soma de responsabilidades, manipulações que são de um prático nobre sobre o qual repousa, como é sabido e repousará por muito tempo, a economia brasileira.

Para alcançar os objetivos acima foram escolhidos técnicos capazes e de tirocinio o que representa garantia de um Curso proveitoso. Como aconteceu com o Curso de Capacitação Cooperativista que o Centro ministrou de novembro de 1961 a janeiro de 1962 em função de um convênio com o Serviço de Economia Rural, para técnicos de nível universitário, estamos certos de que o presente alcançará os mesmos resultados positivos, em grande parte dependendo desses resultados próprios alunos, pelo interesse que dedicarem ao mesmo. Ambos esses Cursos constituem iniciativas meritórias, necessárias para que se dê maior substrato técnico-econômico-doutrinário ao movimento cooperativo brasileiro, seja criando líderes, seja dando maior soma de conhecimentos a dirigentes e a associados em geral.

A ausência dessa preocupação de aculturação, vamos dizer, constitui uma das suas maiores falhas, consideradas até por muitos militantes quaisquer manifestações nesse sentido como teorismos dispensáveis, louvando-se mesmo o puro empirismo como mais do que suficiente para o adequado governo das cooperativas em suas várias modalidades, o que revela o grau de desatualização dessas pessoas.

É-me particularmente grato esse contato com homens ligados aos labores da cafeicultura e ao trato dos problemas de ordem prática das cooperativas de café, pois me trazem lembranças de minha atuação em terras paulistas, quando da fundação da primeira Federação de cooperativas agrícolas do Brasil, em 1931: a de cafeicultores, com sede na capital de São Paulo, a qual, por imposição de mercados, num momento crucial de contingências, após o famoso "crack" de 1929, não teve o curso desejado, não obstante oficialmente tivesse, realmente, agremiado várias cooperativas regionais de café, como órgão de cúpula.

Com Adolfo Gredilha, o redator final do decreto 22.239, de 1932, por designação do Sr. Ministro da Agricultura e proposta do Dr. Arthur Tórres Filho, que então dirigia, com sua conhecida proficiência, o Fomento Agrícola Federal, no qual eu dirigia a Seção de Crédito Agrícola, participei de uma Comissão que estudou, junto ao Instituto de Café paulista, então sob a direção do Dr. Antônio Alves de Lima, os estatutos daquela Federação. Antes havia eu lançado as bases, em Cruzzeiro. (Cooperativa de Lactícínios Cruzeiros), em meados de 1931, do movimento das cooperativas de lactícínios, e das cooperativas escolares (Cruzeiro e Itagaçaba), como havia pronunciado em São Paulo e Limeira conferências, com Adolfo Gredilha, como participei, com o mesmo, do Congresso Algodoeiro de Taubaté. E fiz trabalho de proselitismo no chamado Norte do Estado durante algum tempo. Com Octacílio Tomaz, de saudosa memória, elaborei os estatutos da atual Central de Lactícínios em 1933.

Assim sendo, é-me grato como disse, retomar contato com um movimento que foi um dos primeiros a que dei minha desvaliosa cola.

boração em minha mocidade, e de que guardo recordações confortantes.

De evidência solar, senhores, é a conveniência de se aprimorarem tecnicamente os quadros de direção das cooperativas brasileiras em geral, como disse. O cooperativismo, como afirma, tem sua filosofia, suas técnicas, sua metodologia, o que devê estar ao alcance de todos, no interesse de um maior e mais profundo teor para o movimento cooperativo, como todos sabem. Daí o desejo, de teóricos e militantes, de que Cursos como o atual se repitam e sejam imitados pelos setores ligados às cooperativas ou por eles responsáveis.

Temos, eu e ilustres companheiros de cruzada, insistido sobre a necessidade da educação cooperativa, que à constante de movimentos de outros países.

Tão evidentes se tornaram, no mundo atual, as realizações e as preclaras virtudes da ação cooperativa em seus múltiplos aspectos, que um ilustre como D. João XXIII dá grande relevo, na sua lúcida e recente *Encíclica*, ao papel reservado às cooperativas (o mesmo já fizera seu ilustre antecessor em mais de uma alocação) no quadro dos valores materiais, morais e espirituais do mundo moderno. Na sua já famosa *Encíclica "Mater et Magistra"*, este ilustre Papa reafirma a imperiosidade de se difundir o sentimento da justiça social como seguro caminho para a paz universal, para a pulverização de ódios, para a implantação da verdadeira civilização cristã, de vez que o cooperativismo, já o disse *Charles Gide*, é o *Sermão da Montanha* em termos atuais.

João XXIII acentuou que o artesanato e as cooperativas devem, para viverem, adaptar-se constantemente, nas suas estruturas, no seu funcionamento e nos tipos de produtos, às situações sempre novas, determinadas pelos progressos da ciência e das técnicas e, ainda, pela variação das exigências e preferências dos consumidores.



econômicos,
eficientes...
duram muito
mais!

DESINTEGRADORES

CASE

a martelos de rotação rápida

É o melhor para sua fazenda, granja, fábrica ou indústria. Construído em dois modelos - H-10-B de 15 a 20 HP e H-14-B de 20 a 23 HP - tritura, mói, desintegra alfafa, feno, bagaço e pólpa de cana, milho em espiga (com ou sem palha), milho em grão, palha e casca de arroz, mandioca, café etc.. Peneiras com diferentes medidas de furos (de 1/32" até 2"), conforme o material moído. Dependendo do material, a capacidade de produção horária do desintegrador Case, funcionando com peneiras de 1/4", varia entre 440 e 1.670 quilos.

FATORES DE MAIOR RENDIMENTO

● Mesa de fácil alcance e grande alimentação. Moagem rápida, calha aperfeiçoada ● Ventilador poderoso, coletor-ciclone ● Mancais de rolamentos especiais ● Mate-

rial sólido que assegura muitos anos de uso.

MOINHOS DESINTEGRADORES

a martelos rotativos e com ensacadores.

Modelos H-10-B e M-14-B

Pólia de 9 cm (3 1/2"), 3.000 a 3.400 RPM.



Distribuidores Exclusivos para o Estado da Guanabara, Estado do Rio, Espírito Santo, Minas Gerais (exceto Triângulo Mineiro)

Agentes nas principais cidades

GEOVIA — Comércio e Engenharia S/A
Rio: Av. Venezuela, 27 - s/208-210 - Tel. 43-6329
B. Horizonte: Rua Tamoios, 924 - Tel. 2-8248

res. Adaptação que tem de realizar, primeiro que todos, o artesanato e os associados das cooperativas. Para isso é preciso que, uns e outros, possuam não só boa formação técnica, senão também humana, e se encontrem organizados profissionalmente, e que, de outro lado, a ação dos poderes públicos em favor do artesanato e das cooperativas se encontre também justificada pelo fato de representarem, ele e elas, categorias a que pertencem genuínos valores humanos e que contribuem para o progresso da civilização. Dai, o apelo papal no sentido de que artifices e associados de cooperativas, no mundo, tomem conhecimento da nobreza de sua profissão e da importância do que fazem para, nas comunidades nacionais, serem mantidos o sentimento da responsabilidade e o espírito de colaboração ativa, e conservar-se vivo o amor ao trabalho perfeito e original.

Eis palavras de profundo sentido humano do pontífice máximo da *Cristandade* a corroborar o que estou, anos, com ilustres companheiros de cruzada, repensando, como em monócórdio. Das mesmas me sirvo, pelo seu valor e alcance, pela eminência de seu ilustre prolator, como remate à saudação sincera que ora faço todos os companheiros aqui presentes para um Curso de capacitação cooperativista, cada um, nobremente

TRATOR COM MAIS DE 12.000 HORAS DE SERVIÇO



Este notável trator Massey-Harris mod. 55-D, de propriedade do Dr. Carlos Ferreira Magalhães — Fazenda Prosperidade, em Quissamã, R. J. — possui mais de 12.000 horas de trabalho e até agora só teve seus pneus traseiros substituídos uma vez! Além de arar e gradear o solo, puxa 10 carretas de 6,2 tons. cada, demonstrando sua excepcional potência. O Dr. Magalhães, experiente agricultor fluminense, sente-se realmente satisfeito com o desempenho de seus três tratores Massey-Harris e afirma, com entusiasmo, que superam suas expectativas.

te porfiando em seu setor útil para o engrandecimento da obra comum, tantas vezes à arduamente conduzida por motivações várias, e tantas vezes estiolada precisamente pelo despreparo de muitos e falta de espírito cooperativo de tantos que têm tido mandatos eletivos ou tarefas executivas no seio das cooperativas no seio das cooperativas brasileiras.

Cativamente foram, então as manifestações que recebi da Diretoria Geral do Ensino em São Paulo, através de sua Delegacia Regional de Guaratinguetá, conaí de Luis Amaral, então brilhante diretor do DAC, sobre minha atuação e minha colaboração no que tange às cooperativas de laticínios do chamado Norte do Estado.

Hospital para aves marinhas

Uma cadeia de hospitais para aves marinhas que foram envolvidas pelo óleo despreendido por navios do mar, foi estabelecida ao longo da costa ocidental sueca, conforme notícias que apareceram na imprensa.

O tratamento dado às aves recolhidas inclui o emprêgo de secadores para as penas, lâmpadas de infra-vermelho, e lavagem com solventes de óleo, além de comida e repouso.

O estabelecimento destas "estações de salvamento" é parte da intensa campanha para salvar as aves marinhas sujas de óleo, iniciada pela Sociedade Protetora de Animais de Gotemburgo.

Um número considerável de aves pode ser hospitalizado agora nas mencionadas estações. Muito freqüentemente a "paciente" tem que permanecer nestas durante várias semanas, e se o dano causado pela impregnação do óleo é grave, até mais tempo.

A Marinha Sueca, as Forças Aéreas e a Associação de Salvamento assim como a Alfândega tomam parte na campanha, informando a respeito dos sinais de óleo flutuante, percebidos no mar. (STP)

SEMANA DO FAZENDEIRO

A UNIVERSIDADE RURAL DO RIO DE JANEIRO — A SEMANA DO FAZENDEIRO -- ATIVIDADES DA SEMANA — PRIMEIRA EXPOSIÇÃO FEIRA — PROGRAMAS SOCIAIS

Ainda hoje, pleno século XX, notamos com pesar, uma parede separando as instituições da cultura e a população mais interessada nos ensinamentos que elas ministram. Lógico está que esta simbiose entre sábios e o povo em geral, não poderá ser totalmente perfeita, pois a mentalidade ainda não evoluiu perfeitamente no ensino superior brasileiro.

Como um marco nesta evolução, podemos situar a Universidade Rural do Rio de Janeiro, com a sua anual

SEMANA DO FAZENDEIRO.
A UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

Dotada de enormes áreas, prédios e instalações, a Universidade Rural do Rio de Janeiro, localiza-se à Estrada Rio São Paulo, no Km. 47 e distando 7 quilômetros do Belvedere. Dão-lhe acessos, à via Dutra e Av. das Bandeiras.

Suas unidades principais são as Escolas Nacionais de Agronomia e de Veterinária, de Agrotécnica e a de Magistério Rural e Economia Doméstica. Nos seus arredores, como vizinhos, figuram os notórios Institutos de Ecologia, Biológico Animal e de Zootecnia.

Seus professores, técnicos e funcionários, em sua maioria, moram num bairro residencial próximo e os alunos e alunas alojam-se em 5 edifícios de apartamentos, em cujos anexos estão o bar, o restaurante, barbearia etc...

A SEMANA DO FAZENDEIRO

Todos os anos, a Universidade convida os fazendeiros e granjeiros do Estado do Rio de Janeiro e Estados vizinhos, para durante uma

semana da segunda quinzena de julho, receberem cursos, aulas, demonstrações e assistirem sessões cinematográficas de caráter educativo e prático. Estas atividades, abrangem quase todos os ramos da produção agropecuária e a Universidade para facilitar o acesso, fornece alojamento e refeições a baixo preço, nos diversos restaurantes do Km. 47. Os cursos, bem como ônibus oficiais dentro do Km. 47 e para Campo Grande, são inteiramente grátis. O convite, é extensivo à família do participante, porém só poderão vir, os maiores de 18 anos.

ATIVIDADES DA SEMANA

A programação das atividades, é feita com antecedência e abrange dezenas de assuntos, dispostos de maneira a proporcionar o máximo rendimento aos participantes. No ato da inscrição, os alunos e professores, poderão orientar na escolha dos cursos e aulas.

Este ano, será dada atenção especial a apresentação de filmes técnicos, filmes es- sas das mais variadas procedências, falados em português, dando uma oportunidade muito grande de se



ver o que de mais moderno se faz em agricultura e criação no Brasil e no Mundo.

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO- FEIRA

Teremos durante a Semana deste ano, uma exposição-feira onde os participantes poderão ver as máquinas e produtos que a indústria e comércio oferecem para auxiliar o produtor no seu trabalho.

Os participantes da Semana, terão oportunidade de familiarizar-se com seu funcionamento, utilizando demonstrações nos campos da Universidade Rural. Com isto, a Universidade tem por objetivo, mostrar as vantagens do uso de equipamentos modernos, bem como dar aos fazendeiros e granjeiros, a oportunidade de realizarem no local, suas compras de maquinária e produtos, na medida que os cursos lhe exigirem.

PROGRAMAS SOCIAIS

Além de se proporcionar ambiente de reunião, onde o conhecimento e amizade entre os fazendeiros pode até proporcionar bons negócios, e conferências particulares entre si, sobre tendências do mercado agro-pecuário, a Universidade ainda possibilita e organiza reuniões sociais, como um baile, eleição de uma rainha da semana, plantio de árvore simbólica e outras atividades recreativas.

Qualquer informação sobre a XV Semana do Fazendeiro, deverá ser solicitada à Comissão Efetiva da XV Semana do Fazendeiro, a Universidade Rural do Rio de Janeiro, Km 47 da Rodovia Rio São Paulo, via Campo Grande — Guanabara — Sobre a exposição-feira, com Marcelino V. Albuquerque, no mesmo endereço.

Em Itaboraí o 2.º Encontro Rural - Fruticultores debaterão seus problemas

Cumprindo à risca suas finalidades, sentindo e vivendo os problemas rurais para poder dar-lhes soluções exatas, a FARERJ e o CR-SSR-RJ, a A. Rural dos Fruticultores do Estado — do Rio, e a A. R. de Itaboraí, estão promovendo para o próximo dia 29 do corrente o 2.º Encontro Rural de 1962, despertando os dirigentes das entidades que congregam os rurícolas, para dar o verdadeiro sentido de associativismo.

Reunindo as AA, RR de Rio Bonito, Silva Jardim, Maricá, União Agrícola Fluminense (S. Gonçalo) Associação dos Fruticultores do Est. do Rio, a ACAR-RJ e as Cooperativas Agro-Pecuárias de Rio Bonito, Itaboraí e Silva Jardim o presidente Francelino França prestigiado pela Confederação Rural Brasileira, e pela Sociedade Nacional de Agricultura levará aquela reunião técnica especializada em Fruti-

cultura, que farão interessantes palestras.

Além do comparecimento que deverá ser expressivo pelo interesse que a reunião está despertando entre os fruticultores da Baixada e do GB, a Embaixada Americana e o SSR exibirão filmes e "Slides", sobre a cultura de frutas tecnicamente organizada nos Estados Unidos, ocasião em que serão debatidas as pragas e doenças das frutas com a apresentação do eu combate técnico.

1. Associativismo e Coopera, organizado para o Encontro Rural de Itaboraí:

1. Associativismo Coopera, Prof. Geraldo Goulart da C. R. B.

2. Aspectos da Fruticultura r. Altino Sodré da Soc. Nacional de Agricultura.

3. A Dinamização das AA, RR., como objetivo — Principal do SSR Dr. José Alípio Goulart — Cons. do CN, SSR.

Consumo de petróleo será maior em 1965

Círculos petrolíferos norte-americanos prevêem que, a partir de 1965, o consumo interno de produtos de petróleo sofrerá um aumento anual entre 2,5 e 3%. Por outro lado, as mesmas fontes estimam que, fora dos Estados Unidos, esse incremento será da ordem de 6% por ano.

Entre os fatores que contribuirão para essa elevação no consumo mundial de combustível, apontam aqueles círculos o número crescente de automóveis que entrarão em uso a partir daquele ano, maiores atividades dos planos de defesa do Hemisfério e novas aplicações dos chamados "produtos menores" de petróleo.

Mostram, também, fatores negativos que influirão nesse crescimento, tais como maior uso de carros compactos maior eficiência dos motores desses veículos, competição do gás natural e da eletricidade em diversos setores da indústria e o provável advento de novas fontes de energia, inclusive a nuclear, para fins industriais.

a maquilagem

invisível da indústria

TALCO INDUSTRIAL



das minas da
Magnesita S. A. com
99,11% de talco puro.

uma indústria
a serviço da indústria

Magnesita S.A.

Endereço Telegráfico: MAGNESITA

RIO DE JANEIRO — Praça Pio X, 98 s/801/808

Tele. 43-3999 e 23-4751

SEIO HORIZONTE — Av. Afonso Pena, 952, 3.º

C. P. 208 — Fábrica de Refratoriais, Cidade Industrial — Tele. 2-4545 e 2-9851

SÃO PAULO — Talco-Repres. Manoel Ozório de Mello — Representações e Comércio Ltda.

Lgo. 7 de Setembro, 34, - 4.ª andar - sala 1
Telefone 33-7704

O talco entra na fabricação
e acabamento de milhares de manufaturas:
cosméticos, papel, tintas, cêra, vernizes,
plásticos, porcelana, insulcadas e produtos
farmacêuticos. Temos para pronta entrega
o tipo de talco que a sua indústria precisa,
com a qualidade e finura tecnicamente
especificadas em laboratório.

Para maiores informações,
solicite a nossa folheto:
"O BRASILEIRO, O MELHOR
TALCO DO MUNDO"

Novos Rumos para a Suinocultura Brasileira

Lincoln Gripp de Moraes, da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

A substituição progressiva da banha pelos óleos e gorduras vegetais, de preço inferior e qualidade sempre melhorada, a preferência cada vez mais acentuada dos consumidores pela carne tenra e magra, própria dos animais novos, e a demonstração de que o porco ainda novo, na fase de crescimento intensivo, retribui melhor que o adulto, em ganho de peso diário, o alimento que consome, determinaram uma evolução no sentido da produção de carne, em detrimento da de banha, para a qual era orientada a exploração porcina até cerca de quarenta anos atrás.

Evolução semelhante ocorreu com a produção do boi de corte, que, em consequência, principalmente, da preferência dos mercados consumidores pelas carcaças mais leves e pela carne de animais novos, é, atualmente, levado ao matadouro-frigorífico em idade muito menor do que até então.

Ainda aconteceu, nos últimos anos, um insólito movimento de conselhos e recomendações para restringir-se o consumo das gorduras de origem animal, por interferirem, muitas delas, principalmente as do boi e do porco, na formação do colesterol, substância que, segundo foi propalado, sob

o cunho de verdade científica, quando em excesso no sangue, se deposita nas paredes das artérias e arteríolas, endurecendo-as e tornando-as menos elásticas e sendo assim a causa principal de graves doenças cardiovascular (enfarte do miocárdio, artériosclerose, hipertensão arterial etc.).

Bastaria o impacto produzido por tão alarmante novidade para determinar, como determinou, um imediato decréscimo do consumo de gorduras de origem animal. Mas ainda sobreveio, como era de esperar, uma hábil propaganda dos produtores de óleos e gorduras vegetais, de tudo isso resultando uma demanda cada vez maior de carne mais magra, inclusive a de porco, por parte dos grandes mercados importadores, especialmente nos países onde maior é o consumo de carne gorda.

O assunto chegou a ser objeto de debates e deliberações num encontro de técnicos e pecuaristas, realizado em 1958, na cidade de Araçatuba, Estado de São Paulo. Em consequência, antigas raças bovinas de corte, cuja criação se mantinha praticamente estacionária, estão hoje penetrando vitoriosamente nos centros criadores das afamadas e tradicionais raças inglesas de carne muito gorda, como a Shorthorn e a Hereford, por exemplo.



Os suínos são hoje mais saudáveis, graças ao progresso da ciência veterinária

É o que está acontecendo nos Estados Unidos e na Argentina e, também, no Rio Grande do Sul, com a raça Chitônesa, igualmente pela carne mais enxuta, a qual já está invadindo a região da Fronteira, onde não conseguiu penetrar, apesar de criada há dezenas de anos, com pleno êxito, em outras regiões daquele Estado e no de Santa Catarina. Seus reprodutores estão, agora, alcançando os mais elevados preços no Rio Grande do Sul e já estão sendo vendidos, em escala ascendente, para o Uruguai e a Argentina, inclusive grandes lotes de fêmeas. Essa exportação chegou a tal ponto, que levou o então diretor geral do Departamento Nacional da Produção Animal, veterinário Miguel Cioni Pardi, a promover a constituição de um grupo de trabalho para estudar a situação e indicar medidas cauteladoras contra a evasão de fêmeas da raça em causa.

Essas novas exigências dos mercados importadores vieram, por outro lado, valorizar o nosso zebu, cuja carne já não desdenham tanto. Pelo contrário, até a procuram, cada vez mais. E, também, já não estamos em condições de atender a procura crescente de reprodutores zebuínos, por parte dos países sul-americanos.

O fato é que, atualmente, seja qual for o motivo, os grandes mercados internacionais exigem muito mais carne do que gordura de porco. A produção de banha vem sofrendo em consequência uma queda progressiva em todo o mundo.

A criação de suínos, entretanto, não entrou em crise. Ao contrário, intensificou-se, extraordinariamente, em virtude da procura sempre crescente do chamado porco "tipo carne" ou "bacon", que alguns autores denominam "tipo frigorífico", para carnes cozidas e defumadas, especialmente. O porco "tipo banha", que ainda é o produzido pela grande maioria dos criadores brasileiros,



Magníficos exemplares de suínos criados segundo os preceitos da racional suinocultura.

se não tende a desaparecer de todo, ficará cada vez mais restrito ao consumo da população rural e das nossas cidades do interior.

Os criadores norte-americanos, tradicionais produtores de banha, com a colaboração das universidades e estações experimentais, evoluíram logo e, após um brilhante trabalho de seleção, chegaram a fazer que suas raças, antes especializadas para aquele fim, apresentem, atualmente, um tipo misto ou "moderno", como o chamam, que se presta para ambos os objetivos, segundo a alimentação, o manejo e a idade na matança, de maneira a poderem atender às exigências e ocasionais flutuações do mercado.

O mesmo caminho vêm seguindo outros países de sui-

nocultura adiantada, sendo de notar que a Dinamarca, a Holanda, a Grã-Bretanha e o Canadá, além de outros, sempre foram produtores do porco para carne e toucinho, especializado para "bacon".

Nossos criadores de suínos e, também, os consumidores brasileiros por uma questão de hábito alimentar arraigado, sobretudo os do interior, só agora vão se adaptando à nova conjuntura. Ainda predomina, de modo quase absoluto, a produção de porcos para banha e toucinho. Este ainda é vendido salgado, quase sempre, de forma bastante primitiva. Os criadores, em grande maioria, continuam a criar seus porcos em pocilgas aca-nhadas e anti-higiênicas, ou em mangueirões lama-

centos, muitas vezes, no brejo, engordando-os em excesso, no oneroso sistema da "ceva".

No entanto, a produção do porco "tipo carne" é muito mais lucrativa, contanto que obedeça a algumas poucas normas racionais de criação.

Cumpra, pois, ao Governo, promover e incentivar novos rumos para a nossa suinocultura, orientando-a para a produção do porco "tipo carne", a fim de que o Brasil possa atender, tão brevemente quanto possível, à demanda de produto pelos mercados importadores.

As medidas que, em nossa opinião, devem ser tomadas, com tal finalidade, são as seguintes:

a) Realização de cursos rápidos e práticos, de pós-graduação, para veterinários e coronéis com treinamento especializado em higiene, manejo e alimentação de suínos à semelhança dos ministrados em 1960, em Santa Rosa, no Rio Grande do Sul, e Concórdia, em Santa Catarina.

b) Aumento do quadro de veterinários do Departamento Nacional da Produção Animal (D. N. P. A.), de maneira a torná-lo capaz de realizar pesquisas mais numerosas e exercer uma assistência técnica constante, sempre presente, aos rebanhos, assim como uma inspeção sanitária efetiva nas fábricas de produtos suínos. Como é notório, o número de veterinários daquele Departamento é, há muitos anos, verdadeiramente irrisório em face das necessidades de um país cujos rebanhos estão colocados entre os maiores do mundo, principalmente o bovino e o porcino. O D. N. P. A. não dispõe, atualmente, do número de veterinários que possuía há mais de vinte anos. Precisa triplicar o seu quadro de veterinários, mas que estes sejam aproveitados condignamente, e não, como tem acontecido ultimamente, mal remunerados pela chamada "Verba

3" ou outras formas de contratos sem garantia.

c) Realização de propaganda para a produção do porco "tipo carne", através de cursos práticos para criadores, "semanas do fazendeiro", visitas de extensionistas rurais, publicações simples e adequadamente ilustradas e programas radiofônicos.

d) Condicionar, a Carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil, assim como as de outros estabelecimentos de crédito, o financiamento aos suinocultores à produção do porco "tipo carne", sempre com base em planos e projetos aprovados por técnicos habilitados oficialmente. Pelo menos, estabelecer prioridade nesse sentido. Esta medida, além de outras, segundo informação pessoal, já foi recomendada ao estudo da Comissão de Amparo à Produção Agropecuária (C. A. P. A.) pelo veterinário Altamir Gonçalves de Azevedo, diretor da Divisão de Defesa Sanitária Animal, do D. N. P. A.

e) Estimular, também através de financiamento fácil e prioritário, a instalação de fábricas de produtos suínos, ou a adaptação das atuais fábricas de banha, de maneira que todas sejam capazes de realizar, conforme a regulamentação vigente, o aproveitamento total do porco, nas zonas onde a densidade do rebanho porcino permita o seu abastecimento regular e onde for mais fácil a criação das raças melhoradas ou, pelo menos, dos seus mestiços. Em extensas regiões não existem nem mesmo as fábricas de banha. Nessas, o porco a criar terá de ser mesmo o comum, para a produção rotineira de banha, toucinho e carne para o consumo local e venda da sossobra de carne e toucinho, salgados, para as cidades, o que é mais comum. Seus criadores só poderão evoluir para a produção do porco "tipo carne" quando contarem com estabelecimentos que adquiram vantajosamente os seus produtos. E

imprescindível, portanto, a multiplicação das fábricas de produtos suínos. Só assim conseguiremos edificar, racionalmente, uma infraestrutura econômica para a produção e a industrialização do porco "tipo carne".

f) Propaganda, através da imprensa e da radiodifusão, aconselhando a população das nossas cidades a consumir mais carne de porco, tão boa, saborosa e digestível quanto qualquer outra, quando enxuta. Ela contribuirá para o aumento das áreas produtoras do porco "tipo carne", o que será difícil de conseguir enquanto tivermos de criar dois tipos de suínos — um para a exportação e outro para o consumo interno.

Alegam, no momento, os criadores de suínos, que, por um lapso da nossa política de tabelamento de preços, o da carne de porco não acompanhou os sucessivos aumentos concedidos, ultimamente, aos produtores de carne bovina, o que já estaria determinando um sério desencorajamento entre eles. No Sul, por intermédio de suas associações de classe, já estão exigindo preços mínimos para a banha e a carne de porco.

Mas, o que acontece, na realidade, é que a sua produção é cara, porque não é racional, por não obedecer, via de regra, as normas técnicas. Não por culpa deles, quase sempre, mas por eles que vivem à míngua de uma assistência técnica, sobretudo veterinária, que apenas conheceram, de maneira mais ou menos efetiva, por ocasião de grande surto de peste suína que, há muitos anos, ameaçou exterminar a nossa suinocultura e, por isso, assustou as altas esferas governamentais, levando-a a obter recursos e a agir com relativa presteza.

Não foram ainda solucionados alguns problemas da criação suína, em nosso País. Um dos mais sérios é o da incalculável perda de leitões que morrem ao nascer, e nos dias seguintes ou que, por terem nascido fracos ou terem sido criados irracionalmente, não chega

a completar a desmama. Não têm condições de vida ou de sobrevivência econômica. Constituem um peso morto na exploração. Os criadores, de um modo geral, satisfeitos ou conformados com a sua rotina, nem sempre avaliam o prejuízo que isso lhes acarreta, quer em ração desperdiçada, quer em trabalho e tempo perdidos.

O pior de tudo isso, é que, em consequência, sua produção tem de ser mesmo cara, anti-econômica, não lhes parecendo deficitária porque, para evitar que o prejuízo cresça, vão aumentando os preços dos produtos, sob a alegação, quase sempre, do alto custo dos alimentos concentrados — milho e farelos de trigo, além de outros — que procuram empregar com fartura e até em excesso, porque não foram esclarecidos suficientemente a respeito e, principalmente, porque não prepararam seus estabelecimentos para a produção de outros alimentos, que neles poderiam obter vantajosamente e com relativa facilidade.

A alta mortalidade de leitões é, sem a menor dúvida, o principal motivo da baixa produtividade do nosso vultoso rebanho porcino. De fato, o seu desfrute, calculado com base nos abates dos últimos anos, é, em média, de 22 por cento, enquanto que nos países europeus, de suinocultura evoluída, a média é superior a 150 por cento, ultrapassando a 170 por cento na Dinamarca, Holanda, Suécia e Bélgica e atingindo a 165 por cento na França. Nos Estados Unidos, já alcançou 174 por cento. Mesmo no Rio Grande do Sul, em cuja região serrana se estabeleceu um dos melhores núcleos da nossa suinocultura, mas onde ainda predomina, também, a criação de porcos para banha, o desfrute mal chega a 42 por cento.

Resulta, daí, isto é, do baixo desfrute de nosso rebanho, que a carne e outros produtos do porco chegam aos consumidores por pre-

ços altíssimos. Esta é a principal razão do pequeno consumo de carne de porco em nossas cidades, em relação ao da carne bovina, quando o contrário é o que se verifica nos países acima mencionados, além de muitos outros.

A carne de porco deve mesmo ser sempre mais barata que a bovina, tendo-se

em vista que o boi leva, pelo menos, 4 anos, em nosso País, para chegar ao matadouro, ao passo que o porco, mesmo o comum, para banha, pode fazê-lo com muito menos de metade dessa idade. Além disso, é mais fácil de criar, não exigindo áreas extensas de pastagem para o seu desenvolvimento e final aproveitamento. Por



MISTURAS MINERAIS VITACAMPO

RM - 1

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Molibdeno
Níquel
Zinco

Para: Aves — Suínos —
Carnívoros — Carnívoros em geral.

RM - 2

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Enxofre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Níquel
Zinco

Para: Bovinos — Equinos
Ovinos — Caprinos — Ruminantes em geral.

Produtos de alta qualidade rigorosamente dosados para suprirem as deficiências minerais dos animais; alta concentração — 1 quilo das misturas minerais para 1 tonelada de ração ou 2 quilos por saco de sal grosso de 60 quilos. — Solicite maiores detalhes, escrevendo-nos.

"não fique em dúvida: consulte um médico-veterinário!"

LABORATÓRIO VITACAMPO S. A.
AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 534-2° - RIO DE JANEIRO, D. F.

ser relativamente curto o espaço de tempo entre o nascimento e a matança, o capital investido na exploração gira mais rapidamente.

A criação em grande escala do porco "tipo carne", que se preconiza, em que o ciclo da vida desse animal é ainda mais encurtado, por isso que pode ser abatido entre o sexto e o oitavo mês de idade, determinará a baixa do preço de sua carne e ainda deixará maior lucro para os criadores; e, por uma ação competitiva, também o da carne bovina, uma vez estabelecido o necessário equilíbrio entre a produção suína e a do boi de corte.

Uma vez posta em prática as medidas acima sugeridas, visando à produção do porco "tipo carne", teremos, em pouco tempo, uma suinocultura moderna, forte, capaz de rivalizar com a de outros países atualmente mais evoluídos nesse setor da indústria animal.

Eis, porém, que surge um fator novo, capaz de, por um possível descuido, anular todos os esforços que se fizerem nessa direção. Queremos nos referir ao Mercado Comum Latino-Americano.

De fato e de mister sejam tomadas, desde já, precauções para que a aplicação das medidas previstas no Tratado de Montevideu (18 de fevereiro de 1960), aprovado por Decreto Legislativo de 3 de fevereiro de 1961, não venha a prejudicar a nossa suinocultura, como possivelmente acontecerá a nossa indústria de laticínios, se não houver a devida cautela, segundo oportunidade advertência do veterinário José Biffoni, em recente reunião da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária.

Aquêle Tratado estabeleceu uma Zona Livre de Comércio entre o Brasil, Argentina, Chile, México, Paraguai, Peru e Uruguai, a ser constituída gradualmente no prazo de 12 anos a partir de 1 de janeiro de 1962, por meio de negociações anuais. Os artigos de comércio consignados nas "Atas de Negociações Anuais", e nas

"Listas Nacionais", entre os quais figuram os produtos sumos, serão aos poucos liberados dos gravames recíprocos (impostos e taxas consulares, aduaneiros e portuários, licenças de importação e depósito prévio), de modo a ficarem completamente livres, findo aquêle prazo, a importação e a exportação.

O Decreto n.º 387, de 20 de dezembro de 1961, baixou a "Lista Nacional do Brasil", aplicável à importação de produtos originários daqueles países, a partir de 1 de janeiro do corrente ano, nos termos da "Ata de Negociações" firmada, em Montevideu, a 12 de dezembro de 1961. Esse decreto foi assinado pelo Primeiro-Ministro e referendado, apenas, pelos Ministros das Relações Exteriores e da Fazenda. Não o foi pelos da Agricultura e da Indústria e Comércio. Os órgãos técnicos do Ministério da Agricultura, tão intimamente interessados nesses assuntos fundamentais da nossa economia agropecuária, não foram ouvidos, nem ao menos, a respeito da elaboração da primeira "Lista Nacional do Brasil", em que já são feitas as primeiras concessões para a importação de produtos suínos, de laticínios e outros mais.

No entanto, é preciso, para evitar que outros países possam vir a concorrer, em nosso próprio mercado interno, bastante cautela, por ocasião da organização dessas listas anuais de importação, tendo-se em vista a possibilidade de poder ser, não importa qual o motivo, desrespeitada a lei (n.º 3.244, de 14.8.57) que só permite a isenção ou a redução de impostos e taxas de importação de um produto quando a sua produção em nosso País for ainda insuficiente para o consumo interno.

Os e os organizados, em pouco tempo, para uma tal emergência. A Argentina está cuidando bem da sua suinocultura. Os campos vastíssimos, ubérrimos, planos mas enxutos da Provin-

cia de Buenos Aires, além de alguns outros, todos dotados de um clima favorável, prestam-se admiravelmente à cultura da alfafa e à criação de porcos. E a alfafa é tão importante para a produção do porco "tipo carne" quanto é o milho para o "tipo panna". Mas, além disso, aquêle país é também grande produtor de milho e trigo, contando com os resíduos dêste em abundância.

Suportaria a nossa suinocultura, antes de bem organizada, a sua concorrência? Se perdurarem as condições atuais e ocorrer em poucos anos a eventualidade — que não podemos subestimar, à vista de precedentes — de facilidades cada vez maiores para a importação de produtos suínos, é evidente que não. E não estaria longe o dia em que teríamos de importar carne de porco, presunto, "bacon" e salsichas da Argentina, como já tivemos de fazer com a manteiga, há alguns anos.

Mais um motivo, pois, para que o Governo deflagre, quanto antes, atendendo, aliás, ao conselho dos zootecnistas que, nos últimos vinte anos, têm escrito a respeito do assunto, uma campanha bem organizada de assistência zootécnica, veterinária e de propaganda para que a criação de porcos em nosso País ultrapasse, em todas as regiões onde for possível, o estágio do "chiqueiro" de fundo de quintal, que ainda predomina, com exceção dos Estados sulinos, e atinja o de verdadeira suinocultura, racional e progressista.

Seria lamentável que, justamente agora, depois que alcançamos uma posição de grande destaque nesse setor da indústria animal, viéssemos a decair da mesma que, aliás, só é boa no sentido quantitativo — visto que temos mais suínos por habitante que qualquer dos países de rebanhos mais numerosos — mas, qualitativamente, é sofrível, por que possuímos muito porco e relativamente pequena quantidade de carne de porco.

Segundo as estatísticas mais recentes, somos detentores do quarto lugar, no mundo, com cerca de 49 milhões de cabeças; a União Soviética e os Estados Unidos, possuem, respectivamente, 59 milhões e 55 milhões, aproximadamente. Depois do Brasil, o país que tem mais porcos é a Alemanha Ocidental, com cerca de 16 milhões de cabeças.

Mas, enquanto o Rio G. do Sul, cujo rebanho suíno é um dos melhores do Brasil, orçado em torno de 7 milhões de cabeças, não chega a abater, anualmente, 3 milhões de cabeças, pois seu desfrute é de 42 por cento, a pequenina Dinamarca, com um efetivo bem menor, abate mais do dobro exportando centenas de milhares de toneladas de produtos suínos para a Inglaterra e outros países europeus.

De qualquer forma, a nossa suinocultura constitui um grande patrimônio, que temos de conservar, ampliar e aperfeiçoar, a fim de que ela possa contribuir de maneira mais decisiva do que até aqui para a melhoria das condições alimentares de nosso povo e para que venhamos a competir, vantajosamente, com outros países no mercado internacional de produtos suínos, de conformidade com o seu valioso efetivo e com as possibilidades de criação evito na maior parte do território nacional.

Adubos



fortificam as terras fracas



Dep. Prop. CADAT

UMA FÓRMULA PARA CADA CULTURA - SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES GRATUITAMENTE

CADAT CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

Agentes exclusivos do Salitre do Chile para os Estados da Guanabara, do Rio e Espírito Santo

Rua México, 111 — 12.º andar (Sede própria)

Caixa Postal, 875 — Telefone: 31-1850-rede interna

500 quilômetros em corrente submarina

Uma linha submarina de corrente contínua, de alta voltagem, será construída de Sassari no norte da Sardenha até La Spezia, na península italiana, através da Córsega.

O contrato foi assinado entre a English Electric como concessionária da grande firma sueca ASEA, e a Società Mineraria Carbonírea Sarda, sendo que a linha, com a voltagem de 200 kV, cobrirá a distância de 500 km, e será a maior do mundo para tranmissores deste tipo.

Recentemente, foi também fornecido pela ASEA, o equipamento conversor da linha entre a Inglaterra e a França. (SIP)

Preparo Profissional Para a Reforma Agrária

Walter W. Saur

O agricultor brasileiro produz, em média, um sétimo daquilo que seu colega europeu consegue obter na mesma área cultivada. Nos Estados Unidos, onde a mecanização é ainda mais acentuada e a produção agrícola se assemelha a moldes industriais, a desproporção duz dez vezes mais que seu se torna ainda maior, isto é, um agricultor americano produz dez vezes mais que seu colega brasileiro, por unidade cultivada.

Esta chocante desproporção tem várias razões ou motivos, alguns mais fáceis de resolver que outros:

Ausência quase completa de terras de florestas em forma de pastagens naturais de alta fertilidade, de solos profundos, como encontramos nos "Great Plains" e no Canadá (Saskatchewan). Na maioria dos casos, em nosso meio, temos de derrubar uma floresta para transformá-la em terra de cultura, ou em outras palavras, destruímos uma riqueza para (por tempo limitado) produzirmos outra. Topografia, clima, condições físicas, químicas e biológicas do solo, deixam, no meio agrícola brasileiro, na maioria dos casos, muito a desejar. O custo excessivo de aquisição e manutenção de máquinas e motores, ou mesmo de ferramentas mais simples de adubos, fungicidas — e inseticidas, sementes selecionadas, ao lado da falta de crédito fácil, barato, a tempo certo e duração adequada, meios de colheita, benefício, indutrialização e armazenagem adequados, constituem outras razões da baixa produtividade do agricultor brasileiro.

A ausência de assistência técnica adequada, de cooperativas, das de comunicação e transportes fáceis e baratos, informações de toda espécie (meteorológicas, mercantis, etc.) e mercados organizados com preços mínimos ga antidos tudo parece conspirar contra o agricultor nacional, explicando, por assim dizer, a sua deficiente produtividade por área explorada.

Produzir mais, melhor e mais barato, constitui, sem dúvida, no momento atual, a premente necessidade, a "ordem do dia" para a lavoura racional. A Pecuária, à semelhança da produção agrícola, enfrenta dificuldades semelhantes, senão ainda mais pronunciadas.

Não se trata, evidentemente, em primeiro lugar de aumentar a nossa produção agropecuária pelo simples aumento de novas áreas se exploração (provavelmente ainda mais distantes dos centros consumidores), mas antes será necessário e mais aconselhável o melhor aproveitamento das atuais áreas existentes, inclusive as terras latifundiárias em áreas agrícolas, próprias aos fins da Reforma Agrária. O aumento de sua produtividade é o caminho que mais rápida — e facilmente nos conduzirá a maiores resultados na produção.

O problema de inflação, já crônico no Brasil, é antes um problema de produção. Nosso único produto barato, de aquisição acessível, é o café. O operário brasileiro trabalha menos tempo para adquirir um quilo que seu colega europeu ou americano do norte, mas também é só. Para comprar um gênero de primeira necessidade ele é obrigado a trabalhar muito mais tempo que seus mencionados colegas. E porque? Obviamente porque produzimos muito café, mais do que precisa ou, mesmo, desejável.

A escassez de alimentos básicos no mercado brasileiro gera uma contínua alta pressionando o orçamento do consumidor para poder alimentar a si e aos seus. Pressão os patrões e o Governo. Novos ajustes representam novas altas (de outras mercadorias, no comércio e na indústria, novas emissões, e a espiral inflacionária progride implacavelmente.

Se produzíssemos proporcionalmente ao café, tanto arroz, feijão, milho, carne, leite, etc., forçosamente cessaria a pressão que a escassez de

alimentos exerce sobre seus preços. Obteríamos preços estáveis quanto à alimentação do povo e a inflação seria anulada, ao menos posta em bases não ameaçadoras à estabilidade econômica da Nação, porque, sem dúvida, esta estabilidade começa pela infraestrutura agropecuária fortalecida: aves de um abastecimento abundante de seus produtos às classes assalariadas.

Se inicialmente mencionamos algumas das razões de nossa baixa produtividade e, portanto, de nossa insuficiente produção agro-pastoril total, daí decorrente, deixamos bem claro, ainda que imperfeita — e parcialmente, as dificuldades que o agricultor brasileiro enfrenta, já superadas, atendidas, ou inexistentes para seus colegas de Além-Mar. Conspiram, ainda outros fatores negativos contra o ruralista nacional.

Abandonado pela falta de recursos oficiais ou pela incapacidade de seus líderes, o ruralista vive sujeito a doenças, flagelos, sub-alimentação, ausência de preparo para a vida, quer de cidadão, quer de profissional.

Para atender à necessidade de produzir mais e dar ao "homem sem terra" uma gleba para se estabelecer, fala-se hoje tanto em "Reforma Agrária" que, executada em bases democráticas, já constitui ponto pacífico.

Mas para a maioria da população ruralista (à qual se quer dar terras pela Reforma Agrária) a mera entrega de glebas com todos os pontos negativos da agricultura nacional seria um verdadeiro "presente de grego". O nosso ruralista não está preparado a receber este e outros benefícios planejados e possíveis.

Ele terá (na sua maioria absoluta) de passar por um processo de preparação, onde não é adequado, em sua cooperação o médico, o engenheiro, o agrônomo, o economista e tantos outros, sob as mais diversas denominações e atribuições. Conclue na pag. n. 52

Socorristas, arregimentação e artesanato rural

O Conselho Nacional do S. S. R. em uma de suas últimas reuniões de maio, teve oportunidade de ouvir pronunciamento do Sr. Kurt Repsold, Vice-Presidente da S. N. A. e representante da agricultura naquele Conselho, em torno do parecer do Sr. Manoel Diegues Júnior, representante do Ministério da Agricultura naquele Colegiado. Considerou o Conselheiro Kurt Repsold magistral aquele trabalho, abordando o interessante tema das socorristas rurais, do artesanato e da arregimentação de obras rurais, razão porque apresentou sugestão à Diretoria da S. N. A. de ser o trabalho publicado nas páginas desta revista, o que, com o maior prazer e interesse, estamos fazendo.

PARECER

“Os processos ns. 4.579-61, 4.825-61 e 4.897-61, apesar de individualizados, devem ser examinados em conjunto. Embora cada um se refira a um assunto particular representam juntos um todo, tanto assim que várias de suas páginas de documentos e de despachos são absolutamente idênticos.

2. Tratam de três projetos de trabalho dentro de um plano total de ação do Serviço Social Rural. São eles:

1. Treinamento de socorristas rurais; 2. Estímulo do Artesanato Rural; 3. Arregimentação das classes rurais assalariadas. Três assuntos que aparentemente diversos, isolados estão, entretanto, incluídos na totalidade de um planejamento de trabalho. E por isso mesmo assim devem ser considerados; e assim vamos considerar.

3. Não figuram nos processos pronunciamentos finais da Divisão Técnica nem do Sr. Diretor-Geral Substituto; não há qualquer informação da Divisão Financeira em relação às disponibilidades de recursos para os projetos visados, existindo, entretanto, sugestão quanto a despesas a serem efetuadas, com relação a dois projetos. Vamos examinar os processos à vista do documento inicial, comum aos três processos, dos relatórios dos grupos de trabalho que examinaram os assuntos e do despacho final do Sr. Presidente do CN. Devemos salientar que esses relatórios são os apresentados à III Reunião Nacional do SSR.

4. Passaremos a analisar, em seus aspectos específicos, cada um dos projetos sugeridos.

5. O problema artesanal tem uma importância nacional, variando, entretanto, suas formas e atividades. A palha, o couro, a cerâmica, a renda, as frutas, os produtos animais o metal, por exemplo, cada um de per si, encontram melhor campo, que lhe propicie o desenvolvimento, em regiões diferentes do Brasil. E mesmo se praticado um mesmo tipo de artesanato, em duas ou três regiões, apresenta peculiaridades técnicas em cada uma delas.

De outro lado, não há esconder a importância que o artesanato pode exercer no sentido de lastrear o fundamento de uma industrialização. O exemplo temos-lo aqui mesmo no Brasil. Foi o que sucedeu nas zonas de colonização estrangeira do Rio Grande do Sul e em parte de Santa Catarina. Foi do pequeno trabalho artesanal que surgiu o moderno parque industrial do extremo sul. E eu não estaria longe de admitir que justamente por sua origem, proporcionando-lhe um crescimento natural, regular e espontâneo, é que o parque industrial do sul se apresenta equilibrando, em condições de harmônico desenvolvimento, ao contrário do que se verifica em áreas onde a indústria se implantou, em regime capitalista.

7. Não se deve considerar portanto, o artesanato apenas em seu sentido artístico, dentro do quadro das artes populares, mas sobretudo em seu sentido econômico. Não escapou tal observação ao Grupo de Traba-

como base, sejam traçados os caminhos próprios para a execução desses programas. Em segundo lugar, é de convir, que não se trata apenas de fazer isto ou aquilo, mas de considerar todas três atividades enquadradas em programa mais amplo, que é o de organização e desenvolvimento da comunidade. Na realidade, o que se visa é justamente encontrar os elementos adequados, os instrumentos capazes, que proporcionem a eclosão do espírito de organização e desenvolvimento para os integrantes das comunidades brasileiras. O artesanato, as socorristas rurais, e arregimentação dos trabalhadores são instrumentos meios para um fim. Nunca um fim em si mesmo. Bem o salientou, e o compreendeu, o Sr Presidente, quando à fls. de seu despacho ressalta que os programas visam à eclosão de líderes espontâneos e naturais, como meio capaz de ensinar a efetiva mudança de mentalidade nas comunidades rurais. Creio que este é, na realidade, o ponto de partida — a motivação, seria melhor dizer — para a realização dos programas previstos.

23. De fato, não se pode provocar o desenvolvimento de comunidade, atendendo às aspirações e necessidades dos integrantes dessa comunidade, se não se encontrem os líderes capazes para conduzir; a liderança surge entre os elementos humanos dessa comunidade, e tanto pode ser o vigário católico ou o pastor protestante o médico ou farmacêutico, como pode igualmente ser o artesão ou a socorrista, esta ou o trabalhador rural. O artesão é um colaborador da família rural. O necessário é fazer com que a liderança se torne capaz de elevar o nível de bem estar social e econômico da comunidade, impulsionando por seu exemplo e por sua experiência as atividades locais.

24. Nenhum tratadista, seja sociólogo ou assistente social, antropólogo ou educador, ao tratar de organização de comunidade, nega o seu princípio fundamental: o de utilizar os recursos locais, naturais e humanos. No caso, estaríamos tratando especificamente da preparação daqueles recursos humanos que encontramos, embora variando em grau ou intensidade, nos diferentes comunidades, brasileiras. Seria contribuir para estimulá-los ao trabalho construtivo, promovendo sua participação tecnicamente melhor e socialmente amparada, de maneira atuante na respectiva comunidade.

25. Acredito, portanto, que é possível fomentar um movimento de organização e desenvolvimento de co-

munidade, atendidas as peculiaridades brasileiras de região e, às vezes, de localidades, através desses recursos humanos; o artesão, a socorrista, o trabalhador rural. Nesta, apenas, que um programa executivo, perfeitamente delineado, capaz de ser levado bem sucedidamente, trace as linhas mestres, as diretrizes, a serem seguidas, de modo que, em cada comunidade, o artesão, ou a socorrista, ou o trabalhador rural devidamente arregimentado, seja aquele líder natural, que a comunidade estava esperando para seu levantamento.

26. Isto pôsto, e trazendo ao egrégio Conselho Nacional o exame dos relatórios apresentados pelos três grupos de trabalho constituídos no DTA, oferecemos à sua apreciação e deliberação as sugestões seguintes:

I. Aceitar, em princípios, as sugestões formuladas pelos Grupos de Trabalho, considerando que os programas de socorristas rurais, de artesões e de trabalhadores rurais visam à eclosão da liderança nas comunidades respectivas como meio capaz de contribuir para a elevação do nível de vida de suas populações, pelo estímulo às diferentes atividades locais, e à mudança de mentalidade;

II. Sugerir à Divisão Técnica que, com base nos programas propostos, seja elaborado um plano executivo para que, dentro das peculiaridades regionais, se faça um amplo programa de ação, constituindo um plano nacional do SSR, através daqueles três projetos; a esse plano de ação, em parte diretamente realizado pelo SSR, através de seus Conselhos Regionais e, quando for o caso, de suas Juntas Municipais, sejam chamados a colaborar outras instituições e órgãos governamentais autárquicos ou particulares, tal como se encontra sugerido em mais um relatório, num entrosamento que vise à coordenação de esforços, de recursos e de elementos humanos.

III. O programa a ser sugerido, de linhas eminentemente práticas, deverá considerar os recursos necessários, propondo os quantitativos indispensáveis para plena realização do programa.

IV. Seja dada absoluta prioridade aos trabalhos de programação e realização dos projetos sugeridos, de modo que o SSR passe a ter uma atuação não apenas nacional mas sobretudo eficaz, no sentido de estimular a organização e desenvolvimento de comunidades, como a base física e social sobre a qual se desenrolarão os planos previstos.

Sala das Sessões, 28 de abril de 1962.

Manuel Diégues Júnior
Conselheiro-Relator

"FILA BRASILEIRO"

Único cão de raça Nacional reconhecido pelo Ministério de Agricultura

LUIZ HERMANNY FILHO

Surge nos últimos tempos um vivo interesse pelo cão "FILA BRASILEIRO", cão de raça, único nacional, reconhecido pelo Ministério da Agricultura. Vemos hoje frequentemente essa raça nas exposições caninas.

"Um cão de fila", sinônimo de lealdade e dedicação, é frase conhecida de todos, mas, pouquíssimos são os brasileiros que conhecem o modelo de lealdade.

Trado do ostracismo FILA tem o padrão da sua raça elaborado pelos Srs. Dr. Paulo Santos Cruz, Erw in Waldemar Rathsam e João Ebner, publicado no livro "O cão, nosso melhor amigo".

Como na maioria das raças, a origem do FILA encontra-se diluída nas brumas de um passado bastante longínquo, pois há mais de 100 anos já era a raça conhecida dos fazendeiros paulistas. O Sr. Paulo Santos Cruz atribui a raça ao caldeamento do Mastiff com o Bloodhound e o Bulldog inglês.

Do Mastiff herdou o largo desenvolvimento craniano de branquicéfalo; a profundidade do maxilar inferior; o pescoço curto e grosso e a coragem ilimitada.

Do Bloodhound herdou a pele solta, formando rugas no crânio, barbelas desde a comissura labial até aos peitorais; seu olhar triste (olhar morteiro, dizem os mineiros); seus lábios pendentes; o faro aguçado; e o latido "arrastado".

É também rico o contingente trazido pelo Bulldog, representado não só pelo temperamento um tanto violento e teimoso, mas também pela coloração arcaica — rajado escuro — que segundo os entendidos, provém do antigo Bulldog

Quem pela primeira vez conhecer esta explicação da origem do FILA, indagará curioso: — como foi possível, no Brasil d'outora, caldear essas três raças? Ao que se sabe, os colonizadores trouxeram-nas, por serem, na época, as mais populares e úteis. O Mastiff na guarda dos aldeamentos era insuperável. O Bloodhound, cujo faro impunha sua utili-

zação na caça dos escravos fugidos. E, finalmente, o Bulldog para lida com os rebanhos.

Foi o Fila companheiro dos bandeirantes na penetração pelo nosso vasto Brasil; era usado para a caça aos índios, mais tarde guardava as senzalas e era empregado pelos "Capitães do Mato" para perseguição do escravo fugido, traço que



Campeão "JACARANDA DE PARNAPUAN". Proprietário — Luiz Hermann Filho — Canil Guararema — Rio.

conserva, pois tem marcada prevenção contra homens de cor. Ladra pouco; valente no ataque ao homem, derruba-o e com as patas em cima fica segurando-o, só o molestado se este oferecer resistência.

É esta uma das características que ainda guarda das caçadas aos índios e escravos, os quais deviam ser apanhados vivos.

Nas lides do campo era muito apreciado pela facilidade com que aprendia a lidar com o gado e pela resistência às grandes jornadas.

É um cão de guarda por excelência, de uma dedicação cega ao seu dono. Uma das suas personalidades é a reserva ao dono e sua família.

Para estes é dócil infinitamente obediente; gosta das crianças e participa alegremente dos seus folguedos. Muito companheiro, procura sempre ficar onde estão os da casa, satisfazendo-se com a permissão de se deitar aos seus pés e, se quis, de afaços, consegue sempre um jeito de enfiar a cabeça entre as mãos do dono. Mas... surge um estranho: torna então a segunda personalidade do FILA bem a super-humana. Ele não o tolera. Seus olhos, até então grandes e inteligentes, mostrando grande brechas na córnea,

branca e pura, mudam por completo, diminuem de tamanho aprofundam-se na órbita ficam expressivamente solta que lhe reveste o rosto e, ao mesmo tempo, com um aspecto de resolução e bravura que não deixa lugar a dúvidas. Se o estranho vem acompanhado de alguém da casa, o FILA retira-se rosnando e de longe seus olhos não mais o abandonam; seus gestos e movimentos são ominosamente observados. Mas, se o estranho apresenta-se sozinho...

Em dezembro de 1954 houve a primeira exportação para a Alemanha do primeiro exemplar da raça FILA puramente brasileira. O comprador foi o Príncipe da Baviera S. A. R. Prinz Albrecht von Bayern que assim se expressou à imprensa brasileira, um ano depois:

"Agora e pouco atrás vim conhecer este vosso grande e belo país, que me entusiasmou. Como cinófilo fui a algumas exposições caninas, onde tive oportunidade de conhecer a raça "FILA BRASILEIRO". Gostei muito da compleição do FILA. São cães magníficos. Um tanto pela curiosidade levei comigo um filhote, da criação do Dr. Paulo Santos Cruz. Chama-se "Dunga de Parnapiuan" embora atenda pelo apelido que lhe pusemos, "Tyra", nome de um cão que figura numa lenda ale-

mã. Dunga, porém, cativou-nos. Tem tudo quanto um cinófilo deseja: coragem, lealdade, bravura, meiguice, obediência e um instinto de guarda que ultrapassou todas as nossas expectativas. Realmente são os FILAS dotados de um caráter e temperamento excepcionais. Assim resolvi iniciar uma criação de FILA BRASILEIRO na Alemanha em Bayern, perto de Munich. E posso adiantar que a primeira ninhada já está toda comprometida."

Ai estão palavras e conceitos que recomendam e despertam entusiasmo por esta raça. Vamos nós brasileiros, ter mais carinho, mais interesse, pelo nosso cão FILA. Ele não decepcionará, ao contrário, estamos certos de que recompensará com juros toda atenção que lhe dedicarmos. Sejamos mais patriotas. Afinal, depois de exaltado por estrangeiros, seria estranhável nossa indiferença e desapeço. Se o FILA não é um cão para andar ao colo, nem ficar em cima da cama, é um fiel amigo de toda a família, é um cão que a guarda como nenhum de outra raça.

No livro "O CÃO, NOSSO MELHOR AMIGO", edição Briguier, os interessados encontrarão à páginas 415-440, completa descrição, assim como o padrão da raça do FILA BRASILEIRO.

ABACAXIS

Um produto químico que inicia o florescimento da planta do Abacaxi, pode conduzir a exportações lucrativas para o Brasil, que produz cerca de 15 por cento do total da colheita mundial dessa fruta.

Um problema principal para os plantadores de abacaxi, tem sido o amadurecimento irregular da fruta, que aumenta substancialmente os custos de colheita e de transporte e provoca perdas por causa de atrasos, segundo observaram os agrônomos da companhia.

Em experiências feitas em ambientes agrícolas mexicanos e brasileiros, segundo informou a companhia, o produto químico iniciou o florescimento até dois meses mais cedo que o normal, permitindo a fruta ser oferecida no mercado antes da temporada regular.

Observou-se que isso poderia resultar em preços mais altos.

O Brasil agora produz 260.000 toneladas de abacaxi por ano, encabeçando toda a América Latina. A produção mundial é um pouco mais de 2 milhões de toneladas. O Havai é o produtor principal, com uma colheita anual de cerca de 850.000 toneladas.

A OLIN Mathieson disse que o produto químico, chamado Omaflore, era um derivado de Hyarazine, um combustível da época atual de exploração do espaço e está agora sendo oferecido para uso experimental. Os cientistas da Olin tem cooperado com o Instituto Havaiano de Abacaxi, na aplicação desse produto.



Previna-se contra as pragas do solo com

Aldrin[®]

Aplique ALDRIN antes do plantio, para prevenir-se contra as pragas do solo. Além do seu alto poder inseticida, ALDRIN não transmite gosto nem cheiro às culturas. ALDRIN pode ser adquirido sob forma de concentrado emulsionável, pó molhável e pós diluídos.

NA AGRICULTURA E NA INDÚSTRIA

PRODUTOS QUÍMICOS

SHELL

AMPLA COLABORAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS NO DESENVOLVIMENTO AGRO-PECUARIO DO BRASIL

Fala à reportagem o Diretor-Geral Adjunto da FAO antes de deixar o Rio, com destino a Washington — Assistência Técnica Extraordinária — Campanha Mundial Contra a Fome.

"Reputo altamente proveitosas as numerosas e exaustivas conversações que, durante uma semana, mantivemos com o Ministro da Agricultura e seus auxiliares, bem como o Diretor da SUDENE e sua equipe, no sentido de levar a efeito uma ampla e objetiva assistência do Comitê Interamericano de Desenvolvimento Agrícola e dos órgãos que o constituem — FAO, OEA, CEPAL, BID e Instituto de Turrialba — nos planos de desenvolvimento agro-pecuário do Brasil; estas reuniões, bem como a visita que fizemos ao Nordeste foram de enorme utilidade, porque permitiram um melhor conhecimento de problemas que são de grande complexidade e de tremenda amplitude e urgência e proporcionaram a todos nós — governo e entidades internacionais — a possibilidade de acertar nossos relógios para a solução coordenada dos mesmos". Estas declarações foram prestadas à reportagem pelo Sr. Hernán Santa Cruz, Diretor-Geral Adjunto da FAO para Assuntos Latinoamericanos, que acabava de embarcar para os Estados Unidos depois de aqui chegar integrando uma "Força Tarefa" do CIDA.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA EXTRAORDINÁRIA

Esta missão exploratória conjunta da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas, da Organização dos Estados Americanos da Comissão Econômica para a América Latina e do Banco Interamericano do Desenvolvimento, veio ao nosso País por iniciativa do Governo brasileiro, para estudar a possibilidade de uma Assistência Técnica Extraordinária destinada a elaborar e executar de desenvolvimento agro-pecuário que levará a efeito numerosos planos globais do Governo Federal, como também aqueles projetos destinados a resolver problemas críticos que requerem soluções imediatas em zonas como, por exemplo, o Nordeste brasileiro.

DETERMINAÇÃO DOS FATORES NEGATIVOS

Prossegue o alto funcionário internacional:

"Das conversações mantidas, resultou que as organizações internacionais participantes na mencionada missão seja em seus programas individuais seja através do organismo de ação conjunta a que nos re-

ferimos — o CIDA — poderiam, assistindo na planificação de desenvolvimento agro-pecuário do Brasil, ajudar o Governo a localizar quais os maiores obstáculos que se opõem ao crescimento da produção agro-pecuária e sugerir as linhas técnicas de ação, baseadas nas diretrizes do Conselho de Ministros, aprovadas pelo Congresso".

NORDESTE E CAMPANHA CONTRA A FOME

Teceu a seguir, o nosso entrevistado, considerações sobre os estudos realizados entre os técnicos da ONU e da OEA e as autoridades nacionais no sentido das ações imediatas que poderão ser empreendidas no Nordeste, tanto pelo CIDA como um todo, como pela FAO isoladamente, dentro do quadro da Campanha Mundial Contra a Fome.

"O Nordeste brasileiro — acrescentou — necessita com enorme urgência aumentar sua produção de alimentos. As organizações Internacionais têm um grande interesse em colaborar em qualquer programa que decida o Governo visando diversificar e intensificar esta

produção, bem como estão abertas para cooperar na elevação dos níveis alimentares e de nutrição dos 23 milhões de habitantes desta região".

REUNIÃO FINAL COM O MINISTRO DA AGRICULTURA

Concluiu o Sr. Hernán Santa Cruz informando que o CIDA deverá reunir-se em Washington para considerar a solicitação que fará o Governo brasileiro e que "ela seguramente será aprovada, seguramente será aprovada, e a missão ou as missões estarão formadas no correr das próximas semanas".

A reunião final mantida pelos técnicos de CIDA com a cúpula do Ministério da Agricultura — presidida nas suas fases inicial e final, respectivamente, pelo subsecretário da pasta, Sr. Eudes de Souza Leão, e pelo Ministro Armando Monteiro Filho — contou com a participação, ainda, do Sr. René Guichot, Diretor do Escritório da FAO no Rio de Janeiro, Sr. Hugo Trivelli, Diretor do Comitê Interamericano de Desenvolvimento.

Conclui na pág. n. 40



— falta de chuva
— não é mais
— problema —

controle a seca com
**MOTO-BOMBAS
MONTGOMERY**

Para muitos a seca é problema, pois das boas chuvas dependem as boas safras. Mas, para quem usa as **moto-bombas MONTGOMERY**, não há secas nem más colheitas. Faça chover a qualquer hora, com as **MOTO-BOMBAS MONTGOMERY**, o absoluto controle do tempo.

- baixo custo
- fácil manutenção
- fácil instalação
- durabilidade
- assistência técnica



Equipadas com o
MOTOR MONTGOMERY
um motor com saúde de ferro

3 VÊZES GARANTIDO:

- na assistência técnica!
- no fornecimento de peças!
- na qualidade!

Fabricadas pela

CIA. INDUSTRIAL SANTA ÂNGELA - CISA

R. Florêncio de Abreu, 36 - 12.º and. - Cx. Postal 275 - Fone: 37-8571 - End. Tel. "Cocito" - São Paulo

Representantes

COCITO IRMÃOS - TÉCNICA E COMERCIAL S.A.

R. Mayrink Veiga, 31-A - Cx. Postal 1564 - Fone: 43-6055 - End. Tel. "Itapoa" - Rio de Janeiro

A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

Dissertação Sôbre Problemas Cooperativos

Prof. LASZLO VALKO — Da Universidade do Estado de Washington, USA.

A convite do CNEC, o Prof. Laszlo Valko, pronunciou uma conferência sôbre tema de sua especialidade no auditório da Sociedade Nacional de Agricultura, conforme notícia separada que divulgamos na presente edição. A tradução do inglês para o espanhol foi feita pelo Prof. Júlio Mejia, cabendo ao Sr. Valdiki Moura verter o presente resumo para o português.

É um prazer reunir-me convosco no decorrer desta visita de três semanas ao Brasil. Também é um prazer saudar pessoalmente, aos senhores Dr. Fábio Luz Filho e Dr. Valdiki Moura, cujos livros são bem conhecidos no exterior. Falarei informalmente. O tema de minha palestra refere-se aos trabalhos de investigação que estou realizando nos Estados Unidos, e por mais de dez anos, em particular, sôbre a legislação cooperativista em todo o mundo, trabalhos que serão traduzidos para o português, como já o tem sido par ao castelhano.

É bem sabido que o maior progresso, no Movimento Cooperativo tem-se verificado nos últimos vinte anos. A Cooperação pratica-se em todas as partes do mundo. Podem-se encontrar tipos diversos desta organização econômica nos cinco continentes, tanto nas nações com tradição, como nas que se encontram em via de desenvolvimento.

A Aliança Cooperativa Internacional é a organização representativa mundial, que conta, em seu selo, com 90 federações nacionais de 50 países que representam meio milhão de cooperativas. O número total deve ser o

dôbro, pois a maioria das cooperativas agrícolas não pertence à Aliança. Devo informar que durante os últimos dez anos têm-se formado cooperativas *primárias* nos novos países que ganharam independência na Ásia e África, com a ajuda técnica da Aliança Cooperativa Internacional, passando a ser membros dela.

No ano passado houve uma conferência cooperativista científica na Universidade de Marburg-Lahn, na Alemanha. O tema principal foi a Cooperação fora da Europa. Foram apresentadas propostas selecionadas sôbre a Cooperação na Ásia, na África e América Latina. Muitos de vós deveis saber que quase não houve representação da América Latina, pois de seiscentos representantes dirigentes, apenas dois eram da América, e dentre estes um especialista da União Panamericana, com sede em Washington, o Dr. Fernando Chaves.

Depois da conferência pediram-me que dissesse como se poderia interpretar, tecnicamente, o desenvolvimento cooperativo fora da Europa. A princípio pus ênfase no tema da agenda que era o desenvolvimento da Cooperação na Ásia, África e

América Latina. Nossa intenção foi acentuar e considerar do ponto de vista teórico, a constituição básica e orgânica de suas cooperativas e os princípios e políticas seguidas em sua administração e atuação. Agora comprovo que não podemos pôr as cooperativas progressistas e desenvolvidas da América Latina junto com as *primárias* da Ásia, tenho encontrado cooperativas altamente desenvolvidas e técnicos de alto nível.

Estou dedicado à tarefa de codificar a legislação cooperativa de todo o mundo, e esta é uma das razões por que tenho a oportunidade de visitar o Continente Sul-Americano e aprender algo no Brasil. Por outro lado estou contente com que a Aliança Cooperativa Internacional tenha cumprido sua promessa de 1960, no Congresso Mundial da Suíça, no sentido de enviar um representante para visitar outros países. A visita foi realizada pelo Sr. Rafael Vicens, de Porto Rico, que teve êxito em sua viagem, pelo que considero que seu informe servirá para um maior intercâmbio cooperativista com o resto do mun-

do. Sei também que haverá, em Bogotá, Colômbia, uma conferência interamericana de 6 a 11 de novembro próximo, sob os auspícios da Aliança.

Durante os últimos onze anos tenho dedicado todo meu tempo aos problemas da Cooperaçao, porque creio que o progresso do movimento cooperativo prático deve ser seguido pelo cooperativismo teórico. E é por isso um prazer para mim dizer-vos que durante os recentes dez anos tem-se avançado na teoria cooperativa mais do que nos últimos setenta anos.

Existe em todos os povos o propósito de organizar cooperativas, mas se se deseja promover a Cooperaçao, creio que se deve definir, no terreno teórico, o importante papel dos princípios cooperativos. Se não temos um conceito claro da definição teórica, nossos esforços, na prática, serão estéréis. Por isso devemos esclarecer, definitivamente, onde começa e onde termina a cooperação, para distinguir as falsas cooperativas das verdadeiras.

A luta pela supremacia política econômica mundial tem dividido o mundo em dois sistemas. No político, a ideologia ocidental e a comunista. No aspecto econômico contrapõe-se o sistema capitalista ocidental ao comunista. É bem sabido que, por mais de trinta anos, foi proclamada a teoria de que existem dois grandes sistemas de economia. O sistema de economia capitalista, de acordo com a ordem econômica capitalista, e o outro é a ordem econômica socialista ou de controle estatal. Entre estes dois sistemas se encontra o sistema cooperativo. Esta é a teoria "sueca", assim chamada porque a Cooperaçao é considerada como o meio termo entre os sistemas do Capitalismo e do Comunismo.

Esta teoria serviu para que os comunistas, a partir de 1917, considerassem a cooperativa como uma transi-

ção, uma escalada da teoria comunista do controle econômico estatal, que deve ser imposto também às cooperativas. De acordo com minha opinião pessoal, esta teoria está equivocada, e não tem sido confirmada, estando em contradição com sua formulação atual.

Hoje, em dia, em vez do sistema ou ordem econômica capitalista, chamamos a este sistema o da ordem econômica da "propriedade privada", pelo qual cada um deve ter sua propriedade, ser proprietário de sua casa, de suas ferramentas, de sua terra. Isto é completamente distinto do outro sistema de economia estatal que rege nos países comunistas, e que está ligado a seu rígido sistema político. Então, onde está situado o sistema cooperativo? As cooperativas, como associações econômicas voluntárias, são uma parte do sistema de propriedade privada.

Nos Estados Unidos, por exemplo, dentro do sistema de propriedade privada, há quatro grupos de atividades: o primeiro é formado pelas empresas individuais; o segundo pelas empresas de duas ou mais pessoas que se associam; o terceiro pelas corporações e o quarto pelas cooperativas. De acordo com este agrupamento, as cooperativas formam parte da economia do país.

No sistema ou ordem econômica estatal na Rússia, por exemplo, as cooperativas agrícolas se denominam kolkoses. Esta palavra, em russo, não quer dizer "cooperativas" mas "coletivas". São pois estas "coletivas" que os russos chamam "cooperativas" para suas relações exteriores. A propriedade da chamada cooperativa é coletiva e não há propriedade individual. Por conseguinte, devemos pensar que não existem cooperativas verdadeiras na Rússia. Este é o fato mais importante dos nossos dias, e que nos obriga, por outro lado, a uma

revisão dos princípios cooperativos, já que devemos definir as cooperativas autênticas dentro do sistema de economia da propriedade privada. Por esta razão, eu creio que é muito importante a educação cooperativa e distinguir esta do adestramento. A educação cooperativa é mais importante para o povo, para os associados das cooperativas, para seus empregados e diretores.

É por isso que estamos necessitando de promover a criação de instituições educativas e três distintos níveis ou graus de educação cooperativa. O primeiro seria a educação cooperativa geral para o povo. O segundo seria a educação cooperativa dos associados. E o terceiro seria de alto nível, e que se deveria dar nas universidades. Os técnicos do terceiro grupo, pertencentes às universidades, devem estudar a evolução do Movimento Cooperativo moderno, realizar trabalhos de alto nível e investigações.

Sinto muito que o tempo disponível seja curto para aproveitar a oportunidade para explicar todos os problemas educativos de hoje. Podemos dividi-los em dois grupos. O primeiro de preparação de técnicos que analisem os métodos, a política e as normas a seguir para a cooperativa. No segundo grupo os que analisariam a organização, a estrutura e a teoria dos princípios cooperativos.

Um dos problemas internos dentro deste segundo campo é, por exemplo, o da revisão dos conhecidos princípios rochdaleanos. Há a tendência de se examinarem estes princípios para ser modificados ou eliminados, e também a de sustentar novas fórmulas ou planejamentos, que são distintos dos aprovados pela Aliança Cooperativa Internacional em 1937.

Há muitas opiniões pessoais que têm características revisionistas. Pessoalmente creio que os princípios eco-

perativos são excelentes e não devem ser substituídos. Mas, desde o ano de 1937, o tempo e também as cooperativas tem evoluído desde a época em que se apresentaram os sete princípios dos Pioneiros de Rochdale. A Aliança classificou quatro deles como primários e três como secundários. Esta classificação nos dá a impressão de que deve ser considerada sobretudo por causa das rápidas transformações sofridas nos últimos vinte e cinco anos.

Há muitos princípios secundários que agora devem ser considerados primários, em minha opinião pessoal. A tendência revisionista atual dos princípios primários, em minha opinião pessoal, deve-se a que devemos avançar de acordo com as necessidades econômicas. Dois princípios secundários, por exemplo, o da educação cooperativa, resulta primário para muitos países. O princípio número seis de "vendas à vista" deve suprimir-se. Muitas cooperativas de consumo, nos Estados Unidos por exemplo, não podem aplicar este princípio, porque se as cooperativas vendessem a dinheiro, colocariam seus associados em situação de desvantagem em relação ao comércio privado que concede créditos.

Referindo-me aos quatro princípios primários, devo dizer também que devem ser analisados à luz dos progressos da economia. Este é o caso, por exemplo, do princípio da "porta aberta" que não está de acordo com a realidade. Certas cooperativas tem tido e tem que limitar o número de seus associados. Por exemplo, as de habitações. Aqui no Rio visitamos duas Cooperativas de consumo em que este princípio é condicionado à qualificação de ser empregado de determinadas empresas. Mas, hoje, em dia, deve ser mais importante a associação voluntária, porque teria de ser substituído o enunciado da "porta aberta" pelo da "entrada voluntária".

Mencionarei, brevemente, que muitos estudos teóricos nos últimos dez anos têm dado toda importância à associação voluntária, e creio que esta é uma das principais características da organização cooperativa: que todos usem dela. Esta é a diferença da sociedade anônima. Se sou associado de uma cooperativa, devo usar seus serviços. Na sociedade anônima não é obrigatório, e pode-se ser acionista sem usar seus serviços. Para exemplificar, se compro ações da *General Motors* que produz carros Chevrolet, não é exigido que eu compre carro desta marca. Se desejar, poderei comprar um automóvel Ford. Mas, em uma cooperativa, devo inverter meu capital e usar seus serviços. Na maioria delas aceita-se a participação de uma porcentagem de não-associados quanto à utilização dos serviços, e por isso verifico que o humano é o mais importante.

O princípio primário de "um homem, um voto, como forma de controle democrático, encontra também dificuldades de aplicação prática. As de consumo aplicam este sistema de votação, embora no setor da cooperação agrícola dos Estados Unidos, os associados que utilizam os serviços tenham tratado o assunto diferentemente, levando em

conta sua contribuição para o capital. A lei Capper-Volstead estabeleceu nos Estados Unidos um sistema combinado, segundo o qual para que as cooperativas sejam legalmente reconhecidas como tais, deverão cumprir o princípio de "um homem, um voto" ou o do "juro limitado ao capital".

Por todas estas considerações, creio que o Movimento Cooperativo Internacional tem feito grande progresso, e por esta razão deve existir uma relação mais estreita entre os especialistas. É necessária a participação dos sul-americanos nos congressos internacionais. Nos últimos congressos da Aliança dos quais tenho participado, e no recente, da Alemanha, quase não havia representantes da América do Sul, fato a que já me referi.

Penso que, depois da investigação que realizar a IV Conferência Científica Internacional sobre Cooperativismo, em Viena, em 1963, deverão ser discutidos os problemas de expansão e também as teorias que sustentam os diversos especialistas. Estes são, pois, alguns dos problemas da teoria cooperativa em que estamos trabalhando, esperando levar para o meu país muitas idéias e novas experiências destes contatos e visitas a cooperativas da América do Sul.

Conclusão da pág. n. 36

"A LAVOURA"

A mais antiga revista
agrícola em circulação
no Brasil.

to Agrícola; deputado Josué de Castro, Vice-Presidente do Comitê Nacional da Campanha Mundial Contra a Fome; Sr. Oswaldo Bastos de Menezes, representante do Ministério da Agricultura junto à SUDENE; senhores Jefferson Rangel e Irineu Cabral, assessores do Ministério; Senhores Wade Gregory e Castro Ferragut, representantes, respectivamente, da OEA e do BID junto ao CIDA; Sr. Pompeu Accioli Borges; e técnicos Jacobo Schatan e Solon Barraclough, da FAO.

OS PREÇOS MÍNIMOS

Serviço do Registro de
Produção

ADAMASTOR LIMA

A Vida Rural precisa ser devidamente organizada.

Alguma coisa, nesse sentido, já possuímos. Para que tal organização seja atingida, esforços vêm sendo feitos.

Vale ressaltar que o Ministério da Agricultura, como órgão federal incentivador, a aglutinação da Classe Rural consoante o (Decreto-lei n.º 8.127 de 1945 e o Serviço Social Rural (lei n.º 2.613, de 23 de Setembro de 1955) são, por assim dizer, as três pilstras em que a referida organização há de assentar.

Que hoje referir-me, apenas, aos preços mínimos de

cereais e outros gêneros de produção nacional.

A Lei n.º 1.506, de 19 de Dezembro de 1951, está exigindo, ao meu ver, a criação de um Registro de Produção.

Ao invés de fazer consideração sobre essa medida, prefiro apresentar logo o texto do *Projeto de Decreto*, que julgo necessário.

Se o Governo e os interessados julgarem a providência útil, tela-ão, portanto, sob forma que facilita a compreensão dela e a verificação do seu alcance.

Eis o Projeto:

Cria o Serviço do Registro de Produção, como um

dos elementos mencionados no Art. 3.º da Lei n.º 1.506, de 19 de dezembro de 1951.

Art. 1.º — Os preços mínimos de cereais e outros gêneros de produção nacional a que se refere a Lei n.º 1.506, de 19 de dezembro de 1951, em seu Art. 1.º, terão, entre os elementos esclarecedores do assunto, admitidos pelo Art. 3.º, o registro da produção da safra anterior, feito pelos interessados.

Parágrafo único — O registro criado por este artigo realizar-se-á, conforme modelo aprovado pela Comissão de Financiamento da Produção, em três vias, sendo a primeira destinada a essa Comissão, a segunda para ficar no organismo ao qual estiver afeto o serviço do Registro e a terceira, com as mesmas anotações constantes das outras, para ser devolvida ao declarante.

Art. 2.º — Poderá ser permitida, pela Comissão de Financiamento, a aquisição do produto (Lei n.º 1.506, de 19 de dezembro de 1951, Art. 1.º, letra a) em quantidades superiores às desse registro, sendo essa faculdade anota da na declaração, para governo do interessado.

Art. 3.º — A Comissão de Financiamento celebrará acordos com as Associações Rurais (Decreto-lei n.º 8.127, de 24 de outubro de 1945), que se mostrarem aptas para execução do registro (Art. 1.º) fixando as respectivas condições.

§ 1.º — Se a Associação Rural for declarada inidônea para o exercício da atribuição a que se refere este artigo, só após renovação do mandato dos seus dirigentes, poderá voltar a ter a mesma atribuição.

§ 2.º — Os dirigentes mencionados no parágrafo anterior, havidos como culpados, responderão civil e criminalmente pelos atos cometidos.

Art. 4.º — Este decreto entra em vigor quinze dias depois da sua publicação.

Art. 5.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 18 de abril de 1962.

EM FRUTICULTURA, um ano perdido é irrecuperável
NÃO PERCA a época propícia (junho-julho) para trans-
plantar as chamadas FRUTÍFERAS DE CLIMA TEM-
PERADO, tais como:

VIDEIRAS — PEREIRAS — AMEIXEIRAS — FI-
GUEIRAS — NOGUEIRAS — PESSEQUEIROS —
MACIEIRAS — CAQUISEIROS — CASTANHEIROS —
MARMELEIROS — CEREJEIRAS — AMENDOEI-
RAS — AVELANEIROS — DAMASQUEIROS —
FRAMBOEZEIRAS e AMOREIRAS

Grande sortimento de outras plantas frutíferas e
ornamentais

LISTAS DE PREÇOS E FOLHETOS GRATIS



DIERBERGER AGRÍCOLA LTDA.

Fazenda Citra

Cx. Postal 48 — Tel. 1121-Telgr. "Dierco"

LIMEIRA — Est. de São Paulo

CRUZAMENTO POLLED-ANGUS X NELORE NO BRASIL

A Fazenda Experimental de Criação "Cinco Cruzes", sediada no Município de Bagé, Estado do Rio Grande do Sul, pertencente ao Instituto de Zootecnia, do Ministério da Agricultura, vem realizando, desde 1942, um trabalho de cruzamento entre o *Bos Taurus* e o *Bos indicus*, visando à obtenção de animais mestiços, precoces e de bom rendimento de carcaça, através indivíduos possuidores de 5/8 de sangue Polled-Angus e 3/8 de sangue Nelore.

Foram cruzadas vacas Polled-Angus puras por cruz, adquiridas de criadores da região, com touros de raça Nelore, procedentes dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Presentemente, esse trabalho vem sendo realizado com um rebanho de 1.136 cabeças, com variado grau de sangue, já tendo sido alcançado o mestiço 5/8 Polled-Angus e 3/8 Nelore, representado por um total de 293 animais.

A criação é feita a campo, recebendo os animais uma suplementação de sal e pó de osso.

As seguintes anotações são feitas: data do nascimento, filiação, peso ao nascer, peso a desmama, pesagem individual cada 28 dias até a idade de 24 meses.

Um estudo comparativo entre o desenvolvimento ponderal dos mestiços 5/8 Polled-Angus 3/8 Nelore com animais da raça Polled-Angus, demonstrou uma nítida vantagem para os primeiros, atingindo 90,9 kg aos 21 meses de idade, conforme dados abaixo:

Procurando-se eliminar as

condições adversas do inverno do sul do País, sobre o desenvolvimento dos mestiços em questão, um lote desses animais foi colocado em pastagem artificial de inverno-primavera, tendo alcançado, aos 14 meses, o peso médio de 308,1 kg, sendo que o de melhor desenvolvimento atingiu, naquela idade, o peso de 350 kg.

Os resultados já conseguidos são bastante animadores e demonstram que os técnicos do Instituto de Zootecnia vêm, pelos estudos e pela pesquisa, contribuindo com resultados concretos e objetivos, na solução dos problemas da pecuária de corte em nosso país.

Raça	Peso ao Nascer	Aos 3 meses	Aos 9 meses	Aos 15 meses	Aos 18 meses	Aos 21 meses
5/8 P. A.						
3/8 Nel.	24,7	104	202	236,8	266,9	278,6
P. Angus	13,4	84,4	146,5	194,4	192,9	187,7
DIFERENÇA	11,3	23,6	55,5	87,4	63,2	90,9

Pirarucu, peixe-boi e quelônios

Dévido a práticas irracionalmente de pesca do Extremo-Norte, está quase extinta a fauna ictiológica do lago Aiapua, outrora famoso por suas miraculosas pescarias, inclusive do pirarucu.

Outro produto fenomenal dos rios amazônicos, que, como o pirarucu, está ameaçado de extinção, é o peixe-

boi, de dimensões enormes e peso de mais de quinhentos quilos quase sempre pescado nas fases de procriação ou aleitamento dos "bezerros", como são denominadas as crias, sendo as fêmeas da espécie denominadas de "vacas".

Medidas foram tomadas pelo Ministério da Agricul-

tura, através da Divisão de Caça e Pesca, no sentido de impedir a pesca e colheita dos ovos dos grandes quelônios amazônicos como a tartaruga, a mussuan, o jaboti e outros, a fim de evitar o seu total desaparecimento nas praias e taboleiros do Purús.

CHEGOU O NOVO MODELO

Torqueses BURDIZZO

DE FAMA MUNDIAL

POSSUÍ DETENTOR DO CORDÃO, SEGURA O CORDÃO TESTICULAR NO PONTO PRECISO PARA SUA RUPTURA OU ESMAGAMENTO, SEM CORTAR NEM FERIR A PELE DO ESCROTO... NÃO CAUSA LESÕES SUSCEPTÍVEIS DE INFECÇÃO



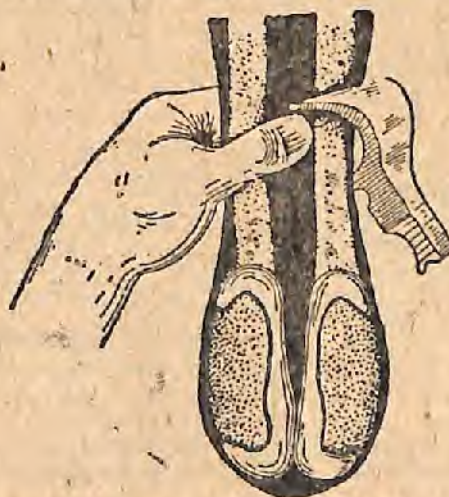
Cada torquês é acompanhada do LIVRO DA TÉCNICA PARA CASTRAR



Uma operação simples, segura e inofensiva. Qualquer fazendeiro com um ajudante, pode castrar seus animais.



Desenho mostrando como se separa e empurra, com o indicador e polegar da mão esquerda, o cordão direito para um lado, forçando-o contra a parede do escroto para isolá-lo, ajustando depois a torquês



Desenho mostrando os cordões e os testículos, assim como a posição dos dedos e da torquês pronta para apertar

PARA MAIORES INFORMAÇÕES DIRIGA-SE AOS DISTRIBUIDORES
HERMAN JOSIAS S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua dos Mercadores, 8 — RIO DE JANEIRO
A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO
Fabricantes: N. BURDIZZO — Torino, Itália

À CLASSE RURAL

TEMAS E SUGESTÕES

ARRUDA CÂMARA

CORTICEIRA DO CAMPO

A corticeira do campo compreende as seguintes espécies:

1 — *Aeschynosea filosa* M. — Planta anual de caule glabro ou glanduloso-esca-broso na parte superior, até 130 cts. de altura, frouxa-mente ramoso; folhas pe-quenas, multijugas, as infe-riores de 54-105 mm e folio-los pequenos, 10-20 jugos; estipulas estreitas, auricula-das na base, caducas; ramos superiores e ráculos filifor-mes, dispostos em panícula; pedúnculos de 54-80 mm, 3-6 flôres; flôres pequenas, glabras, vexilo com máculas escuras e cálice com lábio inferior semi-trifido e o lá-bio superior curto bi-lobado; brácteas pequenas, estipuli-formes, caducas, obtusas, glandulosas dentadas, reti-culadas; fruto vagem fili-forme, articulada, verrucosa quando adulta. Ocorre na Amazônia, Ceará, Bahia, Minas Gerais e Goiás.

2 — *A. sensitiva* Sw. (*A. fistulosa* Bello, *A. glaberrima* Poir.) Arbusto de caule um pouco lenhoso, erecto, até 4 ms. de altura e 30 cts. de diâmetro, muito ra-mificado, glabro ou esparsa-mente pubescente na página superior; folhas imparipi-nadas, de 2-10 cts. de com-primento, 5-10 jugas; esti-pulas membranosas, insig-nificantes, semi-sagitadas, livres abaixo do ponto de inserção, rapidamente deci-duas; folíolos 10-20 pares, lineares ou linear-oblongos, obtusos na base, até 9 mm de comprimento e 2-3 mm de largura, obscuramente pe-nados, nervuras salientes, glabros; flôres amarelas-

pálido com veias averme-lhadas, dispostas 2-4 em rá-cimo muito frouxos; pedún-culos axilares de 10-25 mm; frutos vagem estipitada, muito escura, recta ou pou-co curva, glabra ou quase glabra ou glandulosa-áspe-ra, até 8 cts. de compri-mento e 6 mm de largura, com as duas margens ligei-ramente crenadas, 6-9 arti-culadas, sendo os articulos quas quadrangulares. For-nece madeira leve, de tec-i-do esponjoso, talvez ótima para papel; as folhas extre-mamente sensíveis, fechan-do-se ao menor contato. É planta forrageira apreciada pelos animais, porém de pou-co rendimento. Analisada de Campinas antes da flo-rescência, encontrou:

Matéria úmida	7,61
Matéria seca	27,0
Matéria azotada	1,91
Matéria graxa	6,85
Matéria fibrosa	27,83
Matéria mineral decompon-do-se esta em:	
Óxido de potássio ..	30,68
Óxido de cálcio	19,66
Ácido sílico e areia ..	2,45
No total de	58,24
Água na matéria úmida	71,83
Relação nutriti-va	1:1,3 a 1:28
Azoto na matéria seca ele-vou-se a 4.0325.	

Vegeta em terreno alaga-dico e pantanoso, muitas ve-zes boa parte do caule en-terrado, assim como a raiz, são corticentes e podem substituir a verdadeira cor-tida.

Sinonimas Cortiça do brejo, Paricá e Paricazinho na Amazônia, Sensitiva em São Paulo. Ocorre em todo o Brasil. No estrangeiro de-nomina-se Yerba cienaga, e Yerba do rosário, em Cuba e Porto Rico.

— 319 —

CARÁ ASSU

Denominado científica-mente *Discorea cinanomifolia* H. (*DISCOREA teretiuscula* Klotzsch., *Discorea tuberosa*, Vell. *Rajania bra-siliensis* Griseb.), da mesma família. Trepadeira herba-cea de caule brancacento, fino, estriado, partindo de um grande turbéculo; fô-lhas pecioladas, alternas, o-vaio-aríceoladas, acumina-das, raramente obtuso-mu-cronadas, curto-emargina-das na base, subcoriáceas, puntuadas, glabras, poucas vezes hispídas, até 15 cts. de comprimento e 4 cts. de largura, 5 nervadas; inflo-rescência masculina em rá-cimos densifloros, sésseis, mais curtos que as folhas (fascículos 2-8 flôres, flô-res filiformes-pediceladas, bracteas acuminadas); in-florescência feminina em rá-cimos alongados, simples, até 50 cts. de comprimento e com rachis pubescentes; fruto cápsula amarelada de 4 cts. de comprimento e 15 m/m de diâmetro, pouco vilosa ou glabra. — Esta espécie indígena não é culti-vada; os tubérculos são muito grandes e aprovei-tados pelas populações ru-rais para ralar e misturar com a farinha de mandioca, fazendo então tôlos mais ou menos saborosos. — Tam-bém a variedade *Zanonia Vilne* (*Discorea zanonia* Klotzsch), lâmina elíptica ou obova-da, glauca e ráculos femi-ninos compostos. — A espé-cie tipo ou a variedade, o corre nos Estados da Gua-nabara, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

— 320 —

CARÁ BARBADO

Conhecido como *Discorea dodecuneneura* Vell. (*Dis-corea dodecandra* Arab. *Dis-corea hebantha* M., *Disco-reia septemnevis* Vell.), da mesma família. — Trepadei-ra de caule glabro, sulcado-anguloso, violáceo verde-va-riado; folhas longo-pecto-

ladas, glabras, cordiformes-arredondadas ou orbiculares, de tamanho variável, sendo as inferiores, até 20 cts. de diâmetro, inteiras, membranosas, 9-12-nervadas, sendo as nervuras salientes na página inferior, f.ôres masculinas solitárias, pediceladas, aproximadas, dispostas em ráculos simples ou frouxamente compostas; flôres femininas fasciculadas, dispostas em espigas solitárias ou geminadas; fruto cápsula transverso-elípticas ou oblongo, ligeiramente pubescente, de 2 cts. de comprimento.

— Fornêcê tubérculos subterrâneos ovoide-fusiformes revestidos de epiderme pardoscura e contendo carne branca, sêca, saborosa e alimentar para o homem, dos quais emite raízes da grossura de pena de cisne e numerosas radículas fibrosas finas como cabelo, as quais justificam o nome "barbado." Os tubérculos pesam de 200 a 1.500 gram. e são nu-

tritivos. essecados, ao sol Peckolt encontrou nêles 68,48 de água 18,46 de amido, 3,18 de mucilagem, pectina, destina etc., 2,71 de sais inorgânicos, 1,10 de substâncias albuminosas, 0,71 de matéria extrativa, 0,49 de "carágu-tina", 0,35 de glicose, 0,20 de substância gordurosa. A raiz sêca contém 0,76 de azoto; presume-se que os aborígenas já a cultivavam antes do Descobrimento. — Tem na Bahia as variedades *maronensis* Uline e *vilosa* Kruth, a primeira de fôlhas pubescentes na página inferior e a segunda de fôlhas tomentoso-vilosas na mesma página. Ocorre nos Estados do Amazonas, Guanabara, Rio de Janeiro até ao Rio Grande do Sul, Minas, Gerais, Mato Grosso e provavelmente em todo o Brasil.

— 321 —

CARÁ CÔCO

Cientificamente denomina-

do Cará Côco *Dioscorea hastata* Vellit *Dioscorea Hassleriana* variedade *triloba* Chip *Dioscorea hastata* Mill. culas e às vêzes máculas cor de fogo, página inferior carmim-fogo.

5. — *Dioscorea prismatica* Lind e Andr., Caule volúvel, anguloso, purpúreo-violáceo; fôlhas grandes, pecioladas (pecíolos intumescidos nas duas extremidades, cilíndrico-anguloso-canaliculados, como que alados) limbo orbicular, cordiforme, mucromado, com abertura profundíssima e aurículas obé planta de caule glabro e fôlhas variáveis, pecioladas, as inferiores hastatolobas e as superiores sagitadocordiformes, até, 16 cts. de comprimento, auriculadas na base 7 — nervadas, glabras na página superior e pilosas ou hispídas na inferior; flôres sêsseis, solitárias, as masculinas dispostas



MÁQUINAS AGRÍCOLAS

- MOINHOS DESINTEGRADORES A MARTELOS
- MISTURADORES DE CARGA SUBTERRÂNEA
- PICADEIRAS DE FORRAGEM
- ARADOS E GRADES DE TRAÇÃO MECÂNICA
- ROÇADEIRAS DE PASTO
- PLAINAS TERRACEADORAS
- CARRETAS AGRÍCOLAS DE TODOS OS TIPOS
- DISTRIBUIDORES DE CALCAREO
- IMPLEMENTOS DE TRAÇÃO ANIMAL, EM GERAL

PRONTA ENTREGA ASSISTÊNCIA MECÂNICA

THELA COMERCIAL S.A.

FILIAL DO RIO DE JANEIRO

Rua Mayrink Veiga, 31 - C. Postal 8466
Estado da Guanabara

MATRIZ

Av. Duque de Caxias, 133 - 153
São Paulo - S.P.

em espigas alongadas, simples ou pouco ramosas; fruto cápsula arredondada, glabra, aguda na base, de 15/25 m/m de diâmetro, sementes lenticulares de 3-4 m/m de diâmetro, circundadas por uma ala fina. — Produz tubérculo revestido de película amarelada, com o porte e a forma de um coco da Bahia provido de raízes, fibrosas e finas; carne é brancacenta e de boa qualidade. É objeto de cultura. Ocorre em Mato Grosso a variedade "*mato-grossensis*" Uline, de folhas maiores e glabras nas duas páginas. A espécie-tipo nos Estados da Guanabara, Minas Gerais e Rio de Janeiro. *Sinonímia* — CARA BRANCO.

— 322 —

CARÁ DA TERRA

Cientificamente denominado *Discorea polygonoides* Humb. e Bonpl. (*Discorea alata* Bello, *Discorea caracasana* Kunth., *Discorea Kegelianae* Griseb. *Discorea lutea* Mey., *Discorea multiflora* Cook e Collins., *Discorea pip-rijoia* Hort.), da mesma família. Trepadeira herbácea inteiramente glabra, caules dextrosos, subangulosos, estriados; folhas alternas, pecioladas, inteiramente coriáceas, ovadas, acuminadas, cuspidadas, membranosas até 15 cts. de comprimento e 12 cts. de largura, 7 nervadas (nervuras salientes), lobos basilares arredondados, lâminas pelúcidas com punctações visíveis à transparência; inflorescência masculina interrupta, ramificada, geralmente aos pares, uma de 10-20 cts. de comprimento e a outra muito mais comprida, até 50 cts. produzindo 8-10 espigas secundárias, sendo que as interiores tem na base uma pequena folha; flores sésseis, reunidas em glomérulos de 3-5 distanciados uns dos outros, 3 estames férteis e com filamentos rescência feminina em raios simples, bractéas line-

a outra muito mais diversas, lanceoladas, 3 estames férteis e perfeitos e 3 estéreis; fruto cápsula elíptica, glabra, até 25 m/m de comprimento e pouco menos de diâmetro; sementes circundadas por ela. Ocorre em Mato Grosso e provavelmente em todo o Brasil meridional. *Sinonímia externa*: — Gunda, Hicana, Mata-galina, Name, de água e Name galina nas Antilhas hespanholas.

— 323 —

CARÁ DE CABOCLO

Conhecido cientificamente como *Bomarea salsilloides* (Roem., (*Alstroemeria edulis* Gardn., *A. salsilloides* M., *B. edulis* Herb. variedade *grandis* Knuth, da família Amaryllidaceas. — Trepadeira de caule anguloso e glabro; folhas pecioladas, lanceoladas, acuminadas no ápice, um pouco falcadas, curto-atenuadas em pecíolo na base, inteiras, 5-7 nervadas, verdes na página superior e glaucas, saliente-nervadas na inferior; inflorescência umbeliforme, 1-2-flora, flores amareladas com máculas purpúreas, dispostas em umbelas; fruto, cápsula globoso-deprimida. — A raiz consiste num tubérculo pequeno, do tamanho de uma uva, reputado diurético e diaforético; Reduzido a cinzas fornecia a alguns aborígenes o sal de cozinha. Tem as variedades *pauciflorum*, *pubescens* e *septum* (A. *septum* Schott.) Ocorre do Pará ao Rio de Janeiro. *Sinonímia*: Jaranganha, em Minas Gerais.

— 324 —

CARÁ DE JARDIM

Este nome abrange as seguintes variedades *Discorea multicolor* Lind. e Andr., *Discoreaceas*, todas belíssimas. 1. — *Discorea chrysophylla* Lind. e Andr. — Caules e pecíolos um pouco angu-

losos; folhas ovado-hastadas, agudas, com aurículas obtusas e largas, agudissimamente sinuadas; página superior do limbo castanho-escuro-dourado-ondeante e luzídio, realçado por manchas acinzentadas e tendo ao centro uma figura longitudinal amarelo-pardo. O conjunto é revestido de uma cor de ouro transparente sobre outra cor seca como a que decorre dos séculos. Lembra uma pintura de Tiziano.

2 — *Discorea eldorado* Lind. e Amar. Caule flagilissímo, purpúreo ou cor de salmão, vem como os pecíolos, que são alados e intumescentes nas duas extremidades; folhas ovadas, agudas, acuminadas, com aberturas estreitas aurículas médias arredondadas; fundo verde-escuro quase preto com largas máculas prateadas passando ao dourado ou verde-amarelo-escuro destacado por lâminas mais intensas sobre as nervuras transversais; nervuras primárias e secundárias prateado-asetinadas circundados por zona da mesma tonalidade e com punctuações verde-escuras ou douradas ou cor de carmin. Às vezes ainda o linho sobre o fundo dourado, apresenta máculas verde-esparças; página inferior quase sempre vermelho vinho muito pálido e com transparência branca.

3 — *Discorea melanoleuca* Lind. e Andr., Caules frágeis, angulosos levemente cor de salmão; folhas grandes, largo-ovado-cordiformes, bruscamente acuminadas em longa ponta, abertura estreita, aurículas curto-arredondadas, fundo verde-escuro uniforme sobre o qual se destacam uma larga banda e grandes máculas brancas, às vezes fundo verde purpúreo com lista central branco-amarelada ou verde-esmeralda; página inferior violáceo-escuro. Segundo os autores, branco é uma variedade distinta e imponente, a qual relembra

algum as espécies de *Diefjenbachia*.

4. — *Dioscorea metálica* Lind. e Andr., Caules frágeis, cilíndricos-anguloso; pecíolo cor de salmão, intumescendo nas duas extremidades; limbo ovado-cordiforme-acuminado e com largas aurículas aproximadas, abertura estreitíssima, margens onduladas, como que franjadas; nervuras principais 7-9, imersas, confluentes; cor de fundo verde-cobre assetinado, brilho metálico, nervuras purpúreas; lista central longitudinal, barbelada, cor de rosa pálido, ou salmão claro com pequenas máculas do mesmo tom próximo das aurículas, superfície bulescente entre as nervuras, sendo as primárias curvalíneas, concêntricas e confluentes no ápice e ligadas às tranversais; página superior de cor variável desde verde-esmeralda até verde assetinado escuro ou purpúreo, sempre cambiante, nervuras purpúreas prateadas ou brancas, segundo a idade das folhas e com zona média desigual, longitudinal, prateada, às vezes acompanhada de máculas violáceas; página inferior as nervuras violeta-escuro bulescente, côncava entre as nervuras violeta-escuro vivo.

6. — *Dioscorea sagittaria* Lind. e Andr., Caules verdes e mais ou menos cilíndricos; pecíolos verdes, intumescidos nas duas extremidades; limbo longo-ovado-acuminado, hastado-sagitado, onulado e com elevações irregulares da epiderme em forma de bolinhas; fundo verde ou branco-esverdeado e prateado, margens e nervuras longitudinais e transversais verde-esmeralda, abertura aguda, aurículas compridas, arredondadas, irregulares, obtusas ou angulosas na extremidade. — Estas variedades foram encontradas na Amazônia, em 1868, nas margens do Rio Negro e logo introduzidas na Europa, onde as receberam com grande entusiasmo e admiração, porque receberam-n'as como planta de futuro horticola. E quase fora de dúvida que *Diosco-*

ABIL AGRO COMERCIAL LTDA.

Casa fundada em 1940

Rua Buenos Aires, 87 Loja - Tel. 52-7527 - Caixa Postal 5222
RIO DE JANEIRO

Uma organização completa à sua disposição

A. B. I. L.

PÁSSAROS — Exposição permanente de pássaros Nacionais e Estrangeiros e todo o material necessário aos mesmos.

PEIXES — A maior organização no Estado da Guanabara de peixes ornamentais, plantas aquáticas grandes e variado es- toque de material para este fim.

PLANTAS — Plantas ornamentais e enxertos de plantas frutíferas.

SEMENTES — Sementes de flores, hortaliças dos melhores produtores estrangeiros, variedades de bulbos e de sementes de capim para pasto.

ADUBOS — Adubos Nacionais e Estrangeiros para todos os fins.

INSETICIDAS — Inseticidas para Lavoura, Pecuária e outros fins.

FERRAMENTAS — Ferramentas para jardinagem e Lavoura, bem como máquinas para cortar grama, manual e elétricas, Lança Chamas Americano, Pulverizadores dos melhores fabricantes e para todos os fins.

VETERINÁRIA — Produtos veterinários dos melhores labora- tórios, Seringas Nacionais e Estrangeiras e Ferramentas veteri- nárias.

APICULTURA — Todo o qualquer material para apicultura.

PESCA — Sortimento completo de material para pesca, Na- cional e Estrangeiro, Molinetes, Caniços, Anzóis e grande sorti- mento de linhas de nylon.

LAVOURA E PECUÁRIA — Variado sortimento de produ- tos destinados à lavoura e pecuária.

Tubos de borracha e plásticos.

Todos esses artigos são encontrados na

A. B. I. L.

RUA BUENOS AIRES, 87 LOJA - EST. DA GUANABARA

rea multicolor Lind. e Andr. e todas as suas varia- des são apenas variedades de *Dioscorea amarantoides* Prest., espécie originária do Peru e talvez não ex- stente no Brasil, da qual temos: — *crumenigera* Uline (*Dios- corea apuensis* Chod e Hassl. *Dioscorea crumenigera* M.; 2) *denudata*, Uline., 3) *glau- ca* Uline., 4) *paniculata* Knuth., 5) *Ulei* Knuth.

— 325 —

CARA DE PEDRA

É da mesma família o CA- RÁ DE PEDRA *DIOSCOREA SILVESTRIS* Vell. Trepadeira alta, caules de 3 m/m de espessura; fôlhas alternas, grosso pecioladas, distanci- das de 6-8 cts., até 13 cts. de comprimento e 55 m/m de largura, com lâmina has-



Cumarú verdadeiro, *Coumarouna odorata* Aublet (Extraído do 2.º volume do Dicionário das Plantas Úteis do Brasil)

tada, deltoidea, profundamente incisada e com lobos divergentes, oblongos, agudos no ápice, 7 — nervados, saliente-reticulado — nervadas na página inferior; ráculos frutíferos-femininos de 20 cts. de comprimento e com 10-15 cápsulas cada uma de 3 cts. de comprimento e 2 cts. de diâmetro, estipitadas. — Esta planta gozou reputação como anti-asmática e de efeito benéfico em todas as afecções nervosas, bem como na coqueluche; na homeopatia obteve bons resultados.

Vegeta de preferência em terrenos áridos, mesmo pedregosos Knuth, especialista em dioscoreas, considera-a duvidosa, tendo-a como Dios-

corea amarantoidea ou espécie afim.

— 326 —

CORUPLA

Conhecida pela classificação científica *Celtis glydicarpa* M. (*Momisia tarijensis* Wedd.), da família das Ulmaceas. É árvore de porte regular, até 6 mts. de altura e 30 cts. de diâmetro, armada de espinhos curvos; casca fina, cinzenta-avermelhada, muito escamosa; ramos compridos, como que sarmentosos, parecendo cipós; folhas alternas, ovadas ou elípticas-oblongas, acuminadas, até 10 cts. de comprimento e 3 cts. de largura, inteiras ou serradas penas na parte superior, 3 — nervadas; fló-

res apetalas, esverdeadas, dispostas em cimeiras axillares, esverdeadas ou branco-amareladas; fruto drupa amarela. — Fornece madeira amarelo-esverdeada, bastante compacta, macia, leve, de durabilidade de limitada, embora própria para construção civil obras internas e para lenha; fruto, embora pouco saboroso, é comestível, procurado pelas crianças. Ocorre no Estado do Rio de Janeiro ao Paraná e Minas Gerais. *Sinonímia* — Espera de galo, Fruta de galo, Gurupia, Joá grande. Tal trepadora, na República Argentina.

— 327 —

CUMARU VERDADEIRO

Além de outras espécies de CUMARU (Cumarú de rato, Cumarú do Ceará) o CUMARU VERDADEIRO — *Coumarouna odorata* Aublet. (*Barna Tongo* Guarner, *Dipitery odorata* Willd), é planta leguminosa-papilionácea. Árvore grande, elegante, até 32 metros de altura e 60 cm de diâmetro, às vezes 1 metro mais ou menos; casca avermelhada ou amarelo — acinzentada, pouco espessa, com epiderme quebradça e que se desprende facilmente; folhas grandes, alternas, alado-pecioladas, imparipinadas, compostas de 6-8 folíolos alternos, curto peciolados com apêndice chato, linear depois do último par, sendo os folíolos oblongos ou ovados, arredondado-obliquo-obtusos na base e curto obtusoacuminados no ápice, até 20 cm de comprimento e 8 cm de largura ou pouco mais, coriáceos, rígidos, luzidios finamente reticulados-nervados, glabros nas duas páginas; estípulas muito caducas; flores vermelhas, de 15 mm, muito aromáticas, dispostas em panículas ferrugíneo-pubescentes, tendo as sépalas coriáceas, denso-ferrugíneo-tomentosas, pétalas róseo-lilacinas e estandarte brancacento; ovário glabro, alongado; fruto, vazem drupácea, ovoides ou oblonga, pubescente, 5-7 cm,

verde-amarelada quando madura, fibrosa e esponjosa, envolvendo uma semente dura, lisa, de 25-40 mm, roxo-escura, achatado-oblonga. — Fornece magnífica madeira de lei ("bois de coumarouna" dos franceses; kumara dos ingleses), de coloração variável conforme o solo de onde procede, mais geralmente de alburno com veias ou listras vermelhas, ondeadas, belíssimas, tecido compacto, grão irregular, muito rija e dura, recebendo bem o verniz, própria para construção naval, obras expostas às intempéries, canoas, carroceria em geral, vagões, rodas de carro, qualquer peça resistente, obras de marcenaria de luxo, bengalas etc., peso específico 1.150/1200; resistência ao esmagamento, sem determinação da posição da carga, 385 quilogramas por centímetros quadrado. — O fruto desta árvore, embora indeiscente, separa-se facilmente no sentido longitudinal, em duas partes iguais, desde que exposto ao sol; a semente que encerra é a famosa "fava de cumaru", "fava de Tinha", "fava de Tonquim" conhecida no comércio onde foi muito procurada até o século XIX, depois foi decrescendo, ponto que ainda persista. Os aborígenas das Caraíbas aproveitam as sementes para colares e braceletes. É reputada como antiespasmódica, diaforética e cardíaca, sendo que alguns também as consideram emenagogas. Tais virtudes medicinais resultam da "cumarina". A "cumarina" é cristalizável em prismas acinaciformes, de sabor acre a princípio e depois agradável, solúvel em água, fervente ponto a 60°, distilando entre 290° e 291°. Efetivamente o extrato é veneno moderador e retardador da respiração e dos mo-

vimentos cardíacos. Óleo do cumaru (25 por cento) serve para aromatizar os cabelos. A espécie é de rápido desenvolvimento relativamente. *Sinonímia* — Cumaru amarelado, Cumaru de Amazônia, Cumaruzeiro, Kumbaru, Muirapé. *Sinonímia estrangeira* — Cuamara, na Guiana inglesa; Faux galac e Guaiac na Guiana francesa; Sarra-pia, na Colômbia e na Venezuela, tendo ainda na Venezuela o nome de Yape; Tonca bean tree na América do Norte.

É árvore que convém ser cultivada, sobretudo a variedade produtora da legítima "FAVA DE CUMARU".

BOMBAS HIDRAULICAS

DANCOR

INDÚSTRIA BRASILEIRA



CENTRIFUGAS

- Com motores elétricos monofásicos de 1/4 a 1 H.P. trifásicos de 0,75 a 5 H.P.
- Com motores a gasolina auto-aspirante de 1, 1/4 H.P. altapressão de 1, 1/2 a 5, 1/2 H.P.

A VENDA NAS BOAS CASAS

Fabricadas e garantidas pela

DANCOR S. A. INDÚSTRIA MECÂNICA

Caixa Postal, 5.090 — End. Teleg. "Dancor" — Rio de Janeiro

OBSERVAÇÕES

Temos o propósito de, no próximo número, além de outros TEMAS E SUGESTÕES, publicarmos o que falta para completar a parte referente aos "CARAS": CARÁ SAPATEIRO, também conhecido por CARÁ FIGADO DE PERU, CARÁ DO AR, CARÁ DE RAMA etc., CARÁ DO CAMPO, CARÁ DO MATO, CARÁ DO PARA, CARÁ INHAME, CARÁ MIMOSO, CARÁ PRETO, CARÁ SILVESTRE.

Os TEMAS SUGESTÕES (números 318 a 327) foram colhidos do naturalista doutor Plo Corrêa (DICIONÁRIO DAS PLANTAS ÚTEIS E DAS EXÓTICAS CULTIVADAS).

ASSOCIATIVISMO RURAL

ASSOCIAÇÃO RURAL DE LENÇÓIS PAULISTA

Com mandato até 1964, foi eleita e empossada a seguinte diretoria:

Presidente: José Paulino da Silva

1.º Vice-Presidente — Murray Martins de Carvalho

2.º Vice-Presidente — Haroldo de Oliveira Lima

3.º Vice-Presidente — Lazaro Brigido Dutra

1.º Secretário — Flávio Paccola

2.º Secretário — Waldemar Pacifico de Oliveira

1.º Tesoureiro — José Hirán Garrido

2.º Tseourerio — Vicente Moretto

Diretório Central dos Estudantes de Agronomia do Brasil.

Por ocasião do VIII Conselho Brasileiro de Estudantes de Agronomia, realizado em Piracicaba, no Estado de São Paulo, foi eleito presidente do Diretório Central dos Estudantes de Agronomia, o Sr. Otto Vergara Filho.

Associação Paulista de Avicultura

Com mandato de dois anos (1962-1963) foi eleito presidente da Associação Paulista de Avicultura, o Sr. Cyro Werneck de Souza e Silva.

Sindicato dos Engenheiros do Rio de Janeiro

É a seguinte a atual diretoria do Sindicato dos Engenheiros do Rio de Janeiro:

Presidente — Luiz Santos Reis

1.º Vice-Presidente — Armando Coelho de Freitas

2.º Vice-Presidente — Newton de Castro Bellez

1.º Secretário — João Campos Júnior

2.º Secretário — Linnan Pantaleão

Tesoureiro — Marcos Valdetaro da Fonseca

Bibliotecário — José de Oliveira Coelho Passos

Federação das Associações Rurais do Estado do Espírito Santo

Foi reeleito presidente da Federação das Associações Rurais do Estado do Espírito Santo o ruralista Napoleão Fontenelle da Silveira

Associação Comercial, Industrial e Agro-Pecuária de Uberlândia

Em Assembléia Geral Ordinária, realizada a 28 de dezembro, foi eleito o Sr. Wilson Rodrigues da Silva, presidente da Associação Comercial Industrial e Agro-Pecuária de Uberlândia.

Federação das Associações Rurais do Território do Acre

Foi eleito para presidir a Federação das Associações Rurais do Território do Acre o ruralista Dr. Carlos Alves das Neves

Novos presidente de Entidades Rurais

Foram eleitos presidentes de entidades rurais:

a) o Sr. Glauber Portela, da Cooperativa Mista Agro-Industrial do Ceará

b) Ciro Bolivar de Araújo Moreira — Associação Rural de Rolândia. — Paraná

c) Lucas Monteiro Painhas Associação Rural de Itabirito — Minas Gerais

d) Eluzio P. de Carvalho — Associação Rural de Oximina

e) Hélio Mello de Almeida — Clube de Engenharia

f) José Rezende Peres — Associação dos criadores de Guzerá do Brasil.

g) Otto Frederico Feurcheite — Associação Rural de Tubarão

1897 — 1962

“A LAVOURA”

65 ANOS A SERVIÇO
DA AGRICULTURA
DO BRASIL



É MAIS LUCRATIVO MULTIPLICAR A PRODUÇÃO DE 1 ALQUEIRE COM BOM ADUBO, QUE PLANTAR TRATAR E COLHER 3 ALQUEIRES- POIS SÓ A ECONOMIA DE BRAÇOS COMPENSA FARTAMENTE O SALITRE DO CHILE É UM ADUBO NATURAL QUE REFORÇA A PRODUTIVIDADE DO SOLO EXPERIMENTE-O!

SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES, GRATUITAMENTE

CADAL CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

AGENTES EXCLUSIVOS DO SALITRE DO CHILE

PARA OS ESTADOS DA GUANABARA, DO RIO E ESPÍRITO SANTO

RUA MÉXICO, 111 - 12.º AND. (SEDE PRÓPRIA)

TEL 31-1850 - rede interna

Conclusão da pag. n. 23

buições.

A nova vida do candidato à Reforma Agrária constitui um processo de readaptação, de preparo físico, (saúde) espiritual, cívico e profissional. Este preparo tem de lhe ser ministrado em uma "Fazenda-Escola" por um prazo variável de um a três anos, e a tanto aplicável a jovens como a adultos com suas famílias.

A produtividade das terras brasileiras e a resultante produção aumentada e melhorada é uma questão inseparável do fator "homem". Só o "homem" poderá resolver os difíceis problemas da "sub-produtividade" brasileira, e somente o "homem-preparado" poderá enfrentá-los com possibilidade de êxito e capacidade de resolver seus problemas inerentes.

A Fazenda-Escola se baseia ganhando ao mesmo tempo, em "aprender trabalhando", experiência e lucros, resultados de sua própria produção.

Dissemos "Fazenda-Escola" porque "Fazenda" representa sua profissão, seu "ganha-pão", seu habitat, e "Escola" por que nela o rurícola encontrará assistência à sua saúde fisicamente depauperada, à sua mente atribulada pelas vicissitudes inerentes à vida difícil, à sua inteligência inaproveitada.

A "Fazenda-Escola" é uma conceituação moderna de preparo integral do nosso homem do campo, dentro da maior objetividade e simplicidade possível. Para o jovem é preparo para a vida prática, para o adulto é o ponto de partida para uma nova vida "Humanizada" na qual ele estará capacitado de se valer dos benefícios da Reforma Agrária, da Assistência Técnica, do Fomento e Extensão Agrícolas, do Associativismo e do Cooperativismo, do Crédito Agrícola em suas diversas modalidades e formas e, assim, lidade de êxito as múltiplas dificuldades que se antepõem à maior produtividade agro-pastoril brasileira, impedindo sua completa e necessária emancipação.

Escola de Horticultura "Wenceslão Bello"

NOVO DIRETOR

Por portaria de 2 de março último foi nomeado diretor da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", mantida pela Sociedade Nacional de Agricultura há cerca de 60 anos na Penha, o Sr. Luiz Marques Poliano, Secretário Geral da instituição.

De acordo com o Regulamento do estabelecimento, o Diretor da Escola, quando tirado dos quadros dirigentes da Sociedade — como é o caso — não vence qualquer remuneração.

Firmes as cotações do café

Em princípios de janeiro último, a revista francesa "MARCHÉS TROPICAUX DU MONDE", que se edita em Paris, sob a responsabilidade da "ARGUS INTERNACIONAL DE LA PRESSE", publicou interessante estudo sobre o mercado cafeeiro no início de 1962 abordando as cotações. produção é consumo da rubiácea nos principais países. Quanto às cotações de café elas vêm se apresentando com firmeza em todos os mercados, em decorrência do sistema de estabilização de preços, cuja tendência é funcionar bem.

Isto se evidencia através da publicação das estimativas da safra cafeeira, elaboradas pelo Departamento Americano de Agricultura, as quais nenhuma repercussão tiveram sobre as cotações, que permaneceram firmes.

Na França, os negócios de café retornaram ao seu curso normal, depois da simples volta ao chamado "Preço Convencionado".



OBRAS COM CIMENTO

MAUA'



Indiscutivelmente o cimento é o material mais adequado a qualquer tipo de pavimentação. Quer quanto a solidez e durabilidade, quer quanto a beleza, nada supéra o cimento portland. As fotografias mostram o belo efeito que se obtém com pavimentações de lajeotas tipo "Blokret", fabricados com o cimento portland "MAUA", o que lhes assegura resistência e durabilidade.



**COMPANHIA NACIONAL DE
CIMENTO PORTLAND**
RIO DE JANEIRO



EXPERIMENTE!

Esta é uma receita aprovada pela "Cozinha Royal". Prove este bôlo com Chá Tender Leaf.
Para o lanche... para o chá... para delícia de todos...

BÔLO FLAMENGO

1/2 xíc. de leite
3/4 xíc. de açúcar
2 colh. (chá) de sal
6 colh. (sopa) de manteiga
1 colh. (chá) de
canela em pó
3/4 xíc. de água morna
2 1/2 colh. (sopa) de
Fermento Sêco
Fleischmann ou
3 1/3 tabletes de
Fermento Fleischmann
3 ovos
7 xíc. de farinha de trigo
2 xíc. de passas de uva

Ferva o leite. Junte o açúcar, o sal, a canela e a manteiga. Deixe amornar. Junte o fermento à água e deixe em repouso 10 minutos. Mexa bem até dissolver. Numa vasilha, coloque a farinha e vá juntando o fermento dissolvido, o leite, os ovos batidos, batendo tudo até ficar completamente liso. Acrescente as passas. Sove até a massa ficar lisa e elástica. Deixe crescer em lugar quente, longe de correntes de ar, até dobrar de tamanho (mais ou menos 3 horas). Toque a massa com a mão, calcando-a para baixar, e deixe repousar mais 40 a 50 minutos para completar a fermentação. Leve-a para a mesa e divida-a em 3 porções iguais. Dê o feitiço de bola. Coloque em formas redondas e untadas. Deixe crescer novamente até dobrarem de tamanho (cerca de 1 hora). Pincele com leite. Asse em forno moderado, mais ou menos 20 minutos. Enfeite a gosto.

GRÁTIS!

Peça à D. Maria Silveira,
Caixa Postal 1179 - Dep.º
FSD-2 - Rio de Janeiro - o fo-
lheto "Conselhos Úteis" sobre
o Fermento Sêco Fleischmann

**FERMENTO SÊCO
FLEISCHMANN**



Mais um produto de qualidade da **STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.**